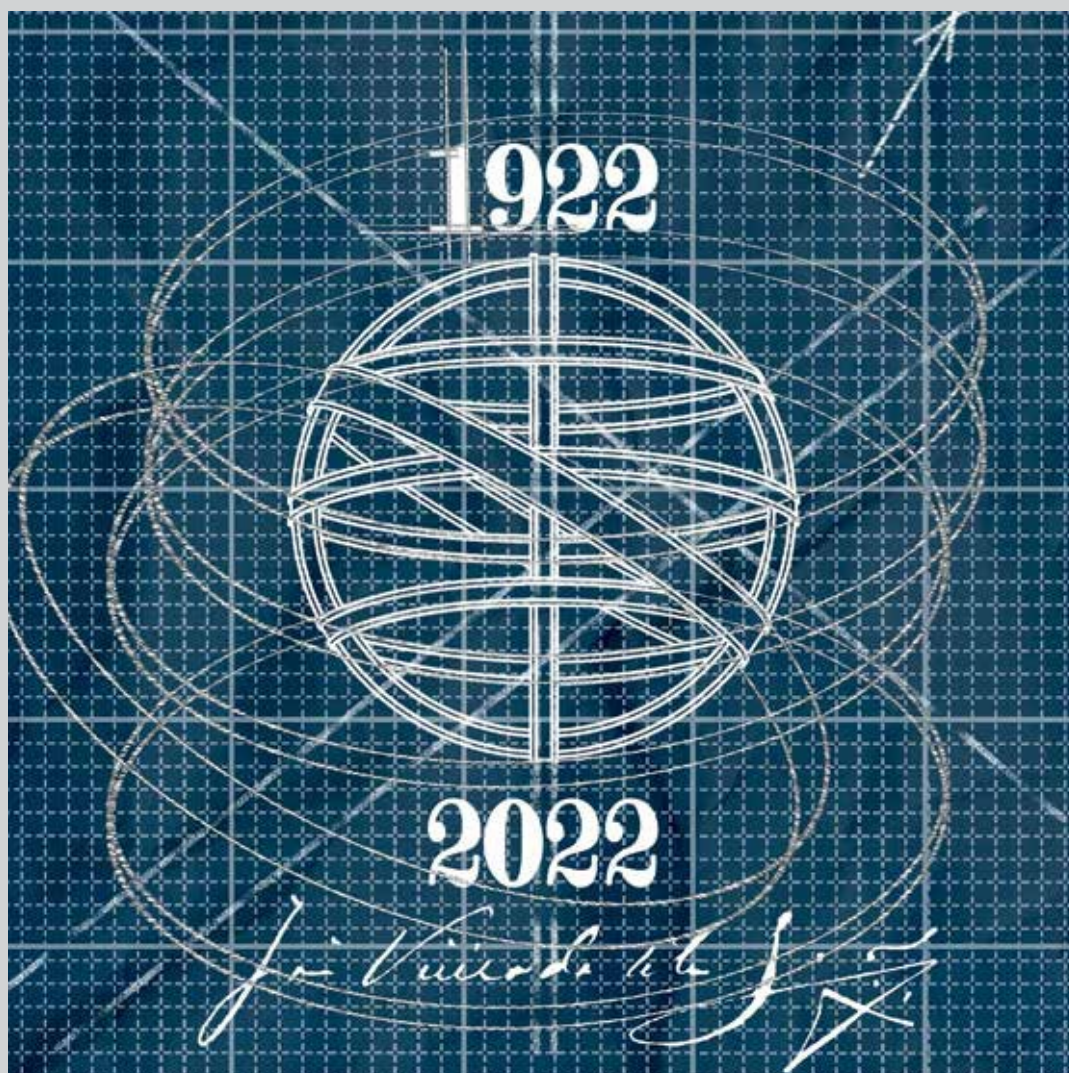


# CASA VIEIRA GUIMARÃES

## 1º CENTENÁRIO



JOÃO AMENDOEIRA PEIXOTO

13 de agosto de 2022



Título

**Casa Vieira Guimarães: 1º Centenário**

Obra de autor

**João Amendoeira Peixoto<sup>1</sup>**

Colaboração

**Ana Cristina Martins<sup>2</sup>**

Prefácio

**Filipa Fernandes**

Posfácio

**João Victal**

Ilustração da capa

**Leonardo Sousa**

Fotografia contemporânea

**Paulo Guedes Peixoto**

ISBN

**978-989-53761-0-0**

Formato digital

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.  
Esta obra é gratuita em qualquer formato.



---

<sup>1</sup> CEHFCI – Universidade de Évora - [joaoalve1@gmail.com](mailto:joaoalve1@gmail.com)

<sup>2</sup> Ph.D.

IHC NOVA FCSH - Pólo Universidade de Évora | IN2PAST. - [acmartins@uevora.pt](mailto:acmartins@uevora.pt)

## PREFÁCIO

Há marcos na paisagem que, de tanto nos habituarmos à sua presença, até chegamos a esquecer que nem sempre lá estiveram. É o que acontece com a Casa Vieira Guimarães e a sua torre que, de algum modo, e à escala, cria um efeito de simetria com a da igreja de S. João Baptista, no outro topo da Corredoura. Esta casa, porém, teve, como todos os edifícios, a sua génese, celebrando-se agora precisamente o respetivo centenário.

Felizmente que há quem na nossa comunidade goste de manusear documentos antigos em busca de respostas para aquilo que somos hoje. E o João Amendoeira Peixoto é uma dessas pessoas.

Esta obra vem assim cumprir dois desideratos. Por um lado, lançando luz sobre um edifício cujos traços revivalistas podem induzir em erro quanto à sua origem – e que afinal só foi construída já em pleno século XX – situada num dos pontos mais estratégicos de Tomar, quer para ver (a sua torre tem uma das vistas mais fantásticas da cidade), quer para ser vista.

Por outro, recordando a figura de José Vieira da Silva Guimarães, proprietário original e responsável pela construção desta casa, que teve importante ação como médico, mas acima de tudo como estudioso da História, muito particularmente de tudo o que tinha a ver com Tomar.

Fazer uma sùmula de documentação existente mas esparsa, de modo a dar-nos informação compilada e comentada que nos guie na perceção de um assunto é o que se espera de um trabalho como este. O seu autor, porém, vai mais longe e, fazendo jus ao mestre que evoca, busca de igual modo questões que ainda não estavam respondidas, apresentando-nos, por exemplo, de forma que julgamos inédita, o nome do arquiteto responsável pelo edifício.

Eis, pois, um livro a que o Município de Tomar não poderia deixar de se associar, pela relevância que tem para a historiografia tomarense, mas ainda mais para a memória coletiva que associa a esta casa um conjunto de lembranças, desde a Pastelaria Primorosa a inesquecíveis exposições e atividades culturais, além de sede da Comissão da Festa dos Tabuleiros.

***Filipa Fernandes***

*Vereadora da Cultura da Câmara Municipal de Tomar*



## 1º CENTENÁRIO

É desafiante estudar um dos edifícios mais emblemáticos de Tomar, situado na zona nobre da cidade, principalmente quando o seu centenário coincide com a construção de uma monografia de doutoramento sobre a pessoa<sup>3</sup> que o idealiza e manda edificar.

Em detalhe nas varandas surgem os anos da construção, 1920 e 1922, o que assinala a origem e importância deste trabalho, tal como foi por nós sugerido no *III Congresso Internacional de História Local* que decorreu na Universidade de Évora em 2019: a comemoração do primeiro centenário. Queremos assinalar, desta forma, que o conteúdo apresentado está incorporado na tese de doutoramento de João Amendoeira Peixoto<sup>4</sup>, em *História e Filosofia da Ciência* da Universidade de Évora, coordenação da Prof. Doutora Maria de Fátima Nunes, intitulado: *Medicina e Património Cultural em Tomar – o caso de José Vieira da Silva Guimarães*, e orientação da Prof. Doutora Ana Cristina Martins. (Peixoto, 2019)

Em reunião na Câmara Municipal de Tomar – Paços do Concelho, entre a vereadora Dra. Filipa Fernandes e o autor deste trabalho, João Amendoeira Peixoto, pouco antes do confinamento em 2020, ficou assente a autorização da utilização de informação disponibilizada pelo Município de Tomar referente à planta da Casa Vieira Guimarães, desenhos do edifício e de duas cartas relacionadas com o assunto. Este material, após digitalizado, foi-nos facultado por e-mail.

Recordamos que a 4 de julho de 2019 aconteceu na Casa Vieira Guimarães a exposição *Aquarelas de Tomar*, integrada no programa da Festa dos Tabuleiros, com cerca de quarenta obras da autoria do arquiteto tomarense José Inácio da Costa Rosa<sup>5</sup>, que conheceu pessoalmente o Dr. Vieira Guimarães e com quem tivemos a oportunidade de conversar. Estivemos presentes e ouvimos atentamente o discurso de inauguração da exposição realizado por José Inácio da Costa Rosa, celebrado na Casa Vieira Guimarães, que transparece o gosto

---

<sup>3</sup> José Vieira da Silva Guimarães (1864-1939), natural de Tomar, médico, professor, historiógrafo com obra publicada, sobre quem abordamos nesta obra.

<sup>4</sup> João Amendoeira Peixoto, natural de Tomar, profissional de saúde, a frequentar o doutoramento em História e Filosofia da Ciência da Universidade de Évora.

<sup>5</sup> José Inácio da Costa Rosa (1927-2019), natural de Tomar, arquiteto formado pela Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa. Foi professor de desenho, artes visuais e geometria descritiva na antiga Escola Industrial e Comercial de Tomar, atual Jácome Rattón. Autor de diversos trabalhos arquitetónicos, ilustrador de obras publicadas essencialmente ligadas à história de Tomar. Contribuiu para a nossa investigação sobre o Dr. Vieira Guimarães, tendo-o conhecido em vida, através da amizade que este tinha com o seu pai Manuel. (OASRS, 2020)

pela terra, história e património. Como tal, decidimos transportar parte deste discurso comemorativo:

*Eu desde muito novo que amo esta terra, Tomar é um repositório de beleza sem par. Desde os mais emblemáticos monumentos, passando pelas ruas velhinhas e cheias de pinturescos, até ao monumento maior de Cristo. E o rio, o rio merece todo o nosso apoio, toda a nossa consideração, a beleza das suas margens, o rio é o sangue de Tomar. Quero elevar o Infante D. Henrique, foi a primeira pessoa a regularizar o rio Nabão. O Açude dos Frades, o Açude Real, tudo isto é uma obra extraordinária de engenharia daquele tempo, engenharia hidráulica. Creio que o Infante foi seduzido pela beleza de Tomar. Queria mais acrescentar que Tomar realmente pertence à história. Ela é a própria história.*

Da mesma forma como o Infante D. Henrique (1394-1460) altera as margens do Nabão, seguindo o raciocínio do arquiteto Costa Rosa, o Dr. Vieira Guimarães quis, também ele, deixar a sua marca na paisagem nabantina, onde a torre da sua habitação parece surgir como o centro do território e local de referência, enquanto vive em paralelo convívio com a torre manuelina da Igreja de São João Baptista.

É nestes moldes que temos a honra de apresentar o nosso estudo sobre esta emblemática casa nabantina.



**Figura 1**

Ilustração de José Inácio da Costa Rosa.  
Capa da publicação resultante  
da nossa intervenção no  
*III Congresso Internacional de História  
Local* em 2019. (Peixoto, 2019)

## UMA BREVE APRESENTAÇÃO DO DOUTOR VIEIRA GUIMARÃES

José Vieira da Silva Guimarães nasce em Tomar a 13 de agosto de 1864, formado em Medicina pela Escola Médico Cirúrgica de Lisboa em 1897 e falece em Lisboa em 1939. (Peixoto, 2020)

Com grande contribuição para o estudo da história local e nacional, dedica parte da sua vida à valorização do património cultural de Tomar. Para além de exercer medicina, desempenha funções como professor de história e geografia no Liceu Camões em Lisboa, é arqueólogo, deputado da nação, historiógrafo<sup>6</sup> com vasta obra publicada. (Peixoto, 2020; Peixoto & Martins, 2020)

Um momento importante na vida de José Vieira da Silva Guimarães é a sua condecoração com o grau de Comendador da Real Ordem Militar de Nosso Senhor Jesus Cristo em 1903. (Peixoto, 2020)

Entre as principais obras escritas publicadas, podemos encontrar: *A Ordem de Cristo* (1901), *A missão de Portugal e o monumento de Thomar* (1905), *Marrocos e três mestres da Ordem de Christo* (1916), *Thomar - Sta Iria* (1927),



**Figura 2**

**Figura 2:** Fotografia inédita de José Vieira da Silva Guimarães, que tivemos a oportunidade de apresentar no *IV Congresso de História Local: conceitos, práticas e desafios na contemporaneidade*.

<sup>6</sup> Assim se designou no ante-verso da fotografia que aqui apresentamos. A primeira vez que designámos o Dr. Vieira Guimarães por historiógrafo foi na nossa publicação *Medicina e património em Tomar: recordando o Dr. Vieira Guimarães (1864-1939)* que resulta da comunicação que levámos ao *IV Congresso de História Local: conceitos, práticas e desafios na contemporaneidade*, nos dias 15 e 16 de outubro em 2020 na Academia Almadense, em Almada. Historiógrafo pode ser descrito como a pessoa que escreve a história de uma época; especialista em história; historiador.

*As águas do Agroal* (1932) e *O poema de pedra de João de Castilho em Thomar* (1935). (Guimarães, 1901; Guimarães, 1905; Guimarães, 1916; Guimarães, 1927; Guimarães, 1932; Guimarães, 1934)

Participa em associações, sociedades e academias, tais como a *Associação dos Arqueólogos Portugueses*, a *Academia das Ciências de Lisboa* e a *Real Academia de la História - Madrid*, tendo-se tornado diretor da Sociedade de Propaganda de Portugal. (Ribeiro, 2012; Peixoto, 2019; Peixoto, 2020)

Para além de várias ações dedicadas à região nabantina, deixa um edifício central na cidade, hoje denominado por *Casa Vieira Guimarães*<sup>7</sup>. (DGPC, 2001)

Ao longo da sua existência, o Doutor Vieira Guimarães contacta com diversos estudiosos, entre os quais José Leite de Vasconcelos<sup>8</sup> e Alberto Pimentel<sup>9</sup>, que registam a sua presença em artigos e livros, assim como, participa em congressos, eventos e atua como guia de grupos excursionistas em Tomar, particularmente ao Convento de Cristo. (Vasconcelos, 1914; Pimentel, 1908; Peixoto, 2020; Peixoto, 2021)

A Casa Vieira Guimarães é, no nosso entender, a expressão arquitetónica da visão e vida deste médico nabantino em formato de mensagem, transmitindo-nos na paisagem tomarense a marca da sua missão e vontade para um futuro onde o património cultural de Tomar deve ser preservado, mostrado e prosperar.

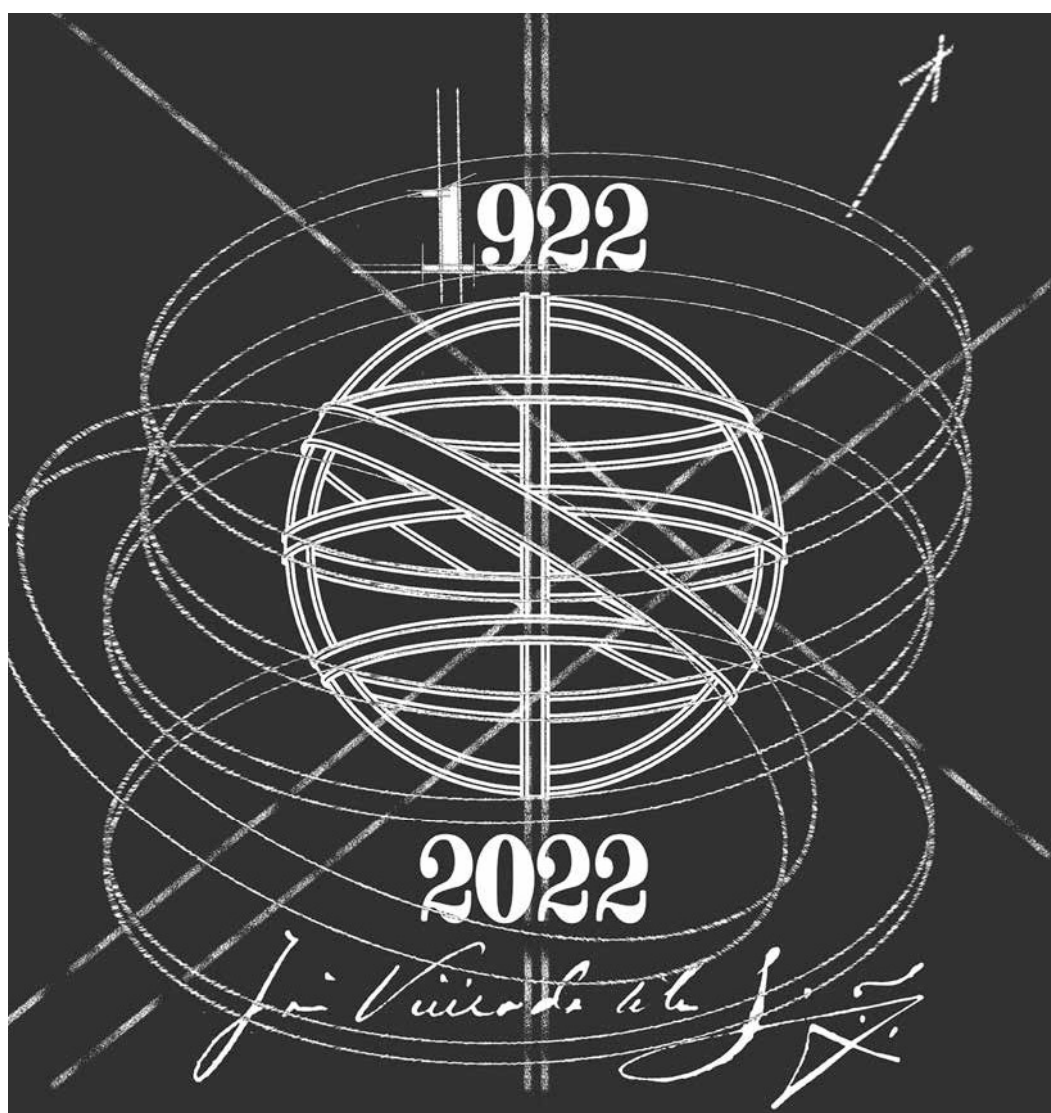
---

<sup>7</sup> Como teremos a oportunidade de verificar, foi igualmente conhecida por Casa Conventual.

<sup>8</sup> José Leite de Vasconcelos Pereira (1858-1941), linguista, filólogo, arqueólogo e etnógrafo português. Fundador e primeiro diretor do atual Museu Nacional de Arqueologia. (Museu Nacional de Arqueologia, 2020)

<sup>9</sup> Alberto Pimentel (1849-1925), historiador, poeta, romancista, autor de diversas obras, sendo em *A Extremadura Portuguesa* (1908), onde revela na sua passagem por Tomar a companhia de José Vieira Guimarães: *Valeu-me na última noite o sr. Dr. Vieira Guimarães, que durante algum tempo gentilmente me acompanhou à beira do Nabão*. (Pimentel, 1908)

**ERA UMA VEZ...  
A CASA VIEIRA GUIMARÃES...  
OU CONVENTUAL?**





## 1. SOBRE A FUNDAÇÃO

Os anos de 1918 e de 1919 são bastante conturbados, fruto da participação de Portugal na Primeira Guerra Mundial (1914-1918), da Pneumónica<sup>10</sup>, assim como, das consequências inerentes, tais como, a fome e a instabilidade política<sup>11</sup>.

Em fevereiro de 1918, o Dr. Vieira Guimarães contribui para o Celeiro Municipal<sup>12</sup> de Tomar oferecendo 100 litros de azeite<sup>13</sup>, que consideramos trazer das suas quintas, *Quinta das Onze Igrejas*<sup>14</sup> e *Quinta de Marmelais*<sup>15</sup>.

Dois anos antes publicava o livro *Marrocos e Três Mestres da Ordem de Cristo* (1916), no qual consideramos já existir o desejo guardado de erguer tal edifício capaz de reviver o espírito manuelino assim como, inesperadamente, entendemos hoje, que nos revela o nome do arquiteto<sup>16</sup> da planta da Casa Vieira Guimarães. O monumento Convento de Cristo consideramos ser a sua grande inspiração: *os corais, algas, botilhões, sebas, cordoalhas, tóros de sôbro e de azinho, pranchas de cortiça, cápsulas de dormideiras, besantes, argolas, flores de liz, guiseiras, correntes, cabos boiados, figuras fabulosas, âncorea, esferas armilares, cães, gatos, velas, roda de nau, aguadores, ao sublime distinto da Ordem – a Cruz de Cristo – emblema sagrado da Pátria (...)* (Guimarães, 1916: 252)

Na última frase desta obra, acontece a elevação do monumento fabricado pela *íncrita estirpe de artistas talentosos e patriotas comparando-o com Os Lusíadas de Luís Vaz de Camões: irmana tão vivamente, na mesma epopeia de acções e de heróis, a elevada missão civilizadora do nosso tão querido quão desditoso Portugal.* (Guimarães, 1916: 253)

---

<sup>10</sup> A pneumónica (1918-1919), igualmente conhecida como gripe espanhola, é considerada a maior pandemia do século XX, tendo provocado em Portugal cerca de 100 mil mortos. A origem está no vírus da gripe subtipo A (H1N1), que causa pneumonias fulminantes de elevada morbidade. Estima-se que tenha provocado em todo o mundo 50 milhões de mortos. (Universidade Nova de Lisboa, 2022)

<sup>11</sup> A título de curiosidade, Sidónio Pais (1872-1918), no mesmo ano em que é eleito Presidente da República é assassinado a tiro na estação do Rossio em Lisboa. (Presidência da República Portuguesa, 2022) Em janeiro de 1919 acontece a revolta monárquica de Monsanto, que é contida. (Polipédia, 2022)

<sup>12</sup> Criado por decreto de lei 4.125 de 20 de abril de 1918, com o fim de armazenar e organizar bens alimentares. (Silva, 2006: 115)

<sup>13</sup> Vide *Anais do Município de Tomar 1901-1925*, página 438. (Rosa, 1974)

<sup>14</sup> De acordo com a nossa investigação, situar-se-ia na freguesia da Madalena em Tomar, possivelmente a mesma que pertencia ao seu pai João Vieira da Silva Guimarães. Local de onde assina os *prolegómenos* da interessante obra *Marrocos e Três Mestres da Ordem de Cristo* (1916).

<sup>15</sup> Quintas, sobre as quais nos debruçaremos mais adiante.

<sup>16</sup> Diversos autores consideram que é o próprio José Vieira Guimarães que executa a planta do edifício, no entanto a nossa investigação revela outro autor.

Este não é, porém, o seu último trabalho publicado antes do início da construção do edifício em 1920, pois a 10 de junho de 1919 apresenta *O sexcentenário da Ordem de Cristo*; em *Conferencia realizada no Salão Nobre da Camara Municipal de Lisboa*, a convite da *Academia de Sciencias de Portugal* (1907-1925)<sup>17</sup>, com a presença do Ministro das Finanças em representação do Presidente da República. No terminar do discurso, elevando a importância histórica e patrimonial do Convento de Cristo, defende a instalação de um colégio, no monumento, destinado a formar missionários, a quem denomina de *nova milícia*.<sup>18</sup> (Guimarães, 1919: 28)

Poucos dias depois<sup>19</sup>, a 7 de julho<sup>20</sup>, o novo corpo camarário de Tomar informa o Dr. Vieira Guimarães para que mantenha a intenção de elevar o edifício pretendido, removendo as dificuldades colocadas pela vereação anterior.

A 1 de abril de 1920 é entregue na secretaria da Câmara Municipal de Tomar: uma carta, que corresponde ao pedido de licença para *reconstruir o seu prédio com frentes para a rua da Corredoura, largo e Avenida Marques de Pombal; uma planta na Escala 1/100; e o Projecto, com os respetivos desenhos/fachadas na escala 1/100, d'uma casa que o Ex.mo Sr.º. Dr. José Vieira Guimarães, deseja mandar construir no seu terreno situado na cidade de Thomar*<sup>21</sup>.

O Dr. Vieira Guimarães pede a *necessária licença, respectivo alinhamento e autorização para depositar materiais para a obra na referida rua e largo pelo espaço de dois anos*. Analisando o projeto verificamos a presença da data de 1920, assinalando o início da obra, no entanto, apesar dos dois anos delineados em carta, o ano 1922 não surge no desenho. Na respetiva carta despede-se com as letras “C” e “D”, *com delicadeza*.

<sup>17</sup> Instituição académica criada por intelectuais republicanos, que se sentiam excluídos da *Academia Real das Ciências de Lisboa*.

<sup>18</sup> Em 1922, é criado o Colégio das Missões Ultramarinas, tendo ocupado parte do Convento de Cristo em Tomar.

<sup>19</sup> Questionamos se José Vieira Guimarães terá pedido algum tipo de influência junto dos governantes para o desenrolar dos acontecimentos em Tomar. De ter em consideração que durante a sua juventude esteve ligado ao Partido Republicano, tendo contactado com nomes sonantes como Sebastião Magalhães Lima, Teófilo de Braga e Manuel de Arriaga.

<sup>20</sup> Em modo de curiosidade, os dois conteúdos que são abordados nos *Anais do Município de Tomar*, antes e depois deste assunto, respetivamente, são: um pedido de iluminação de maior intensidade pelos habitantes da Rua Serpa Pinto; e a *Celebração da Paz*, em que o Governo propõe que seja realizada no 14 de julho a vitória dos aliados na Primeira Grande Guerra Mundial. Em Tomar as filarmónicas Nabantina e Gualdim Pais fazem a cortesia e são lançados foguetes. (Rosa, 1974: 474)

<sup>21</sup> O projeto inclui duas páginas, uma referente à Fachada principal e *Fachada lateral e posterior*; outra inclui as *Fachadas lateral e posterior e, Corte A-B*.

No conjunto dos documentos que nos foram facultados pelo Município de Tomar, surge uma segunda carta que dá o parecer positivo para a construção do edifício, assinada em 3 de abril de 1920 pelo *Conductor da obra*, Manuel de Jesus Ferreira: *Não há inconveniente na conceção da licença solicitada.* (Figura 4)

As alterações no terreno são descritas, através do estudo da planta em que é reconhecida a pretensão de José Vieira Guimarães em regularizar o alinhamento da rua Serpa Pinto, recuando a fachada de forma a ampliar o passeio com *uma faixa de 6 metros*. Em troca, pretende avançar a fachada do lado da ponte cerca de 14 metros, *ficando desse lado o passeio com 0,75 metros*, largura igual ao passeio de Avenida Marquez de Tomar. Pelo que a Câmara terá que *ceder 8 metros de passeio*.

O pedido é presente na sessão de Câmara de 5 de abril, onde é concedida licença das condições requeridas que inclui cedência de terreno<sup>22</sup> para a construção do edifício. A obra inicia finalmente. (Figura 3)

O livro *Coisas e Loisas de Tomar* (1988), da autoria do Coronel Vasco da Costa Salema<sup>23</sup>, notícia<sup>24</sup> que o Dr. Vieira Guimarães, na altura da demolição do edifício antigo, terá assistido a todo o *arrasar da casa, abrigado pelo seu chapéu de sol cinzento, pois, diziam as más línguas, receava que nas paredes aparecesse escondida alguma panela com libras ou dobrões e os operários a surripiassem.* (Salema, 1988)

O edifício é concluído em 1922, a data é finalmente assinalada na varanda do lado da Corredoura<sup>25</sup> da Casa Conventual<sup>26</sup>.

---

<sup>22</sup> Consideramos que este possa ter constituído o principal entrave para a construção deste edifício, na primeira abordagem.

<sup>23</sup> Militar, historiador com ligação ao Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (Brasil). Possui várias obras publicadas. Foi comandante do Regime de Cavalaria 8 designado a 20 de outubro de 1963. O Coronel Salema considera que a designação mais antiga da Casa Vieira Guimarães é a de Casa Conventual.

<sup>24</sup> Esta recolha de informação é igualmente assinalada pela autora MFM (assim nos pede que a designemos) do *blogue Porto da Lage*, que dedicou algumas publicações ao Dr. Vieira Guimarães, um amigo da sua avó. (MFM, 2022) Por e-mail, MFM mencionou-nos: (...) e o que a minha avó, que privou com ele, me contava, que era sobretudo conversas sobre história de Tomar e património. (...)

<sup>25</sup> Rua Serpa Pinto, assim designada desde 30 de janeiro de 1890, por decisão camarária. No entanto, ainda hoje é designada pela graça antiga: Corredoura.

<sup>26</sup> Tal como já referimos, é a designação antiga mencionada pelo Coronel Salema.

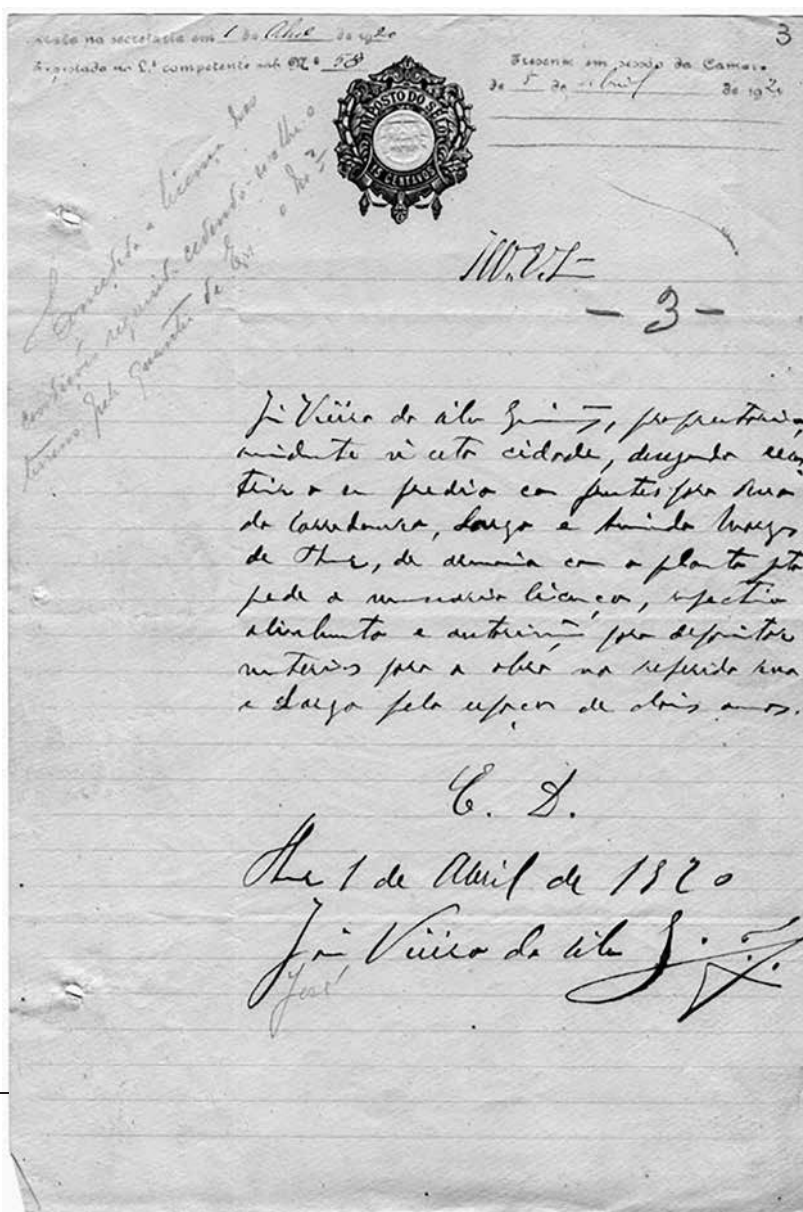


Figura 3

Pedido de licença apresentado por José Vieira da Silva Guimarães.

Não ha inconveniente na concessão da  
licença solicitada

Pela planta junta (tela) reconhece-se que o  
requerente pretende, para regularidade do alinha-  
mento na rua Terça Pinto, recuar a fachada  
de forma a ampliar o passeio com uma faixa  
de 8<sup>m</sup>; em troca deseja avançar a fachada  
que deita para a ponte ocupando com esse  
avanço 14<sup>m</sup> e ficando desse lado o passeio com  
2,75 de largo, ou seja com largura igual á  
do passeio da Avenida Marques de Thomar.  
Disto resulta a Camara ceder 8<sup>m</sup> de passeio,  
o que pouco valor representa e em nada pre-  
judica a concordancia dos tres passeios, como  
se vê na parte coberta a amarelo.

Thomar, 3 de abril de 1920  
O Conductor de obras  
Manuel de Jesus Ferrira

Figura 4

Carta que atribui o parecer positivo para a construção do edifício.



**Figura 5**

A *casa velha*, fotografia conseguida depois de 1901<sup>27</sup>, dada a presença de candeeiros para iluminação elétrica. É imaginável, desta perspetiva, termos o Dr. Vieira Guimarães a idealizar avançar o edifício alguns metros. Fundamental reparar que a janela do último andar é de guilhotina, a mesma que já provém do século XIX (verificámos através de outra fotografia<sup>28</sup> onde surgem as guardas de pedra da ponte retiradas antes de 1887<sup>29</sup>; será substituída por uma janela de dois batentes.



**Figura 6**

A *casa velha*, agora com uma janela no piso superior de dois batentes.



<sup>27</sup> Vide *Anais do Município de Tomar 1901-1925*. (ROSA, 1974; pág. 23)

<sup>28</sup> Vide *Figura 17* desta obra.

<sup>29</sup> A 14 de fevereiro de 1887 é feita uma representação a Sua Majestade a pedir para que a cortina de alvenaria projetada para o resguardo da Avenida Marquês de Tomar, seja substituída por uma grade de ferro igual à da Ponte. (ROSA, 1967; pág. 258)



Figura 7

A casa velha. Obras públicas?  
(Coleção Havaneza de Thomar;  
1904-1905)

## 2. O ARQUITETO... O SEGREDO MAIS BEM GUARDADO

Este é talvez um dos segredos mais bem guardados.

Após várias análises minuciosas dos documentos digitalizados, foi possível identificar, no azul escurecido do projeto, uma inesperada assinatura na parte destinada às *Fachadas laterais e posteriores*, de leitura pouco fácil, mas que, no entanto, faz surgir um *autógrafo* que nos permite dar uma novidade.

De seu nome Víctor Bastos Júnior, tal como podemos vislumbrar: *O architecto Victor Bastos Júnior*

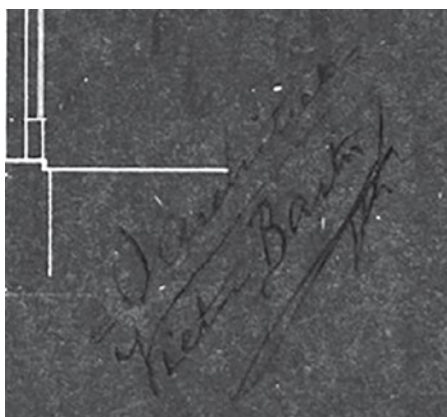


Figura 8

Assinatura do arquiteto ampliada presente no projeto da Casa Vieira Guimarães.

Quisemos perceber a ligação; e através da leitura das obras de José Vieira da Silva Guimarães, este nome surge no livro *Marrocos e três mestres da Ordem de Cristo de 1916*, na página xi, através de um agradecimento aos *distintos artistas* que colaboraram na obra: *Victor Bastos, ilustre arquitecto*, é um deles. (Guimarães, 1916)

O nome e a ligação estão comprovados, mas: de quem se trata?

Percebemos que a resposta poderia estar no recente trabalho *Arquitectos da Primeira República de M a Z* (2019), da autoria de Francisco Gentil Berger; onde é possível obter a valiosíssima informação biográfica deste arquiteto que conviveu com José Vieira Guimarães. (Berger, 2019)

Victor Bastos surge como Vítor Bastos Júnior, filho do distinto escultor António Vítor Bastos (1830-1894); nasce em Lisboa em 1866, tendo-se matriculado no Curso Geral de Desenho na Escola de Belas Artes de Lisboa em 1882. Em 1887 ingressa como desenhador de 2ª classe na Secção de Obras da Administração-Geral das Alfândegas, em 1892 passou a fazer parte da Direcção-Geral das Obras Públicas de Lisboa e em 1894 torna-se professor de Desenho da Escola Industrial Damião de Góis em Alenquer. (Berger, 2019)

De acordo com Francisco Gentil Berger, a única obra que é conhecida deste arquiteto corresponde à Escola Industrial Machado de Castro em Lisboa, mencionando a revista *A Construção Moderna*, que noticia este edifício e o seu arquiteto.<sup>30</sup> (Berger, 2019)

### 3. PROPRIEDADE

Em testamento<sup>31</sup>, consultado a 9 de março de 1939<sup>32</sup>, José Vieira da Silva Guimarães tem delineado o futuro para a habitação. No início do documento, deixa expresso que casou com escritura de separação de bens, querendo por isso assegurar:

*A minha mulher D. Maria José de S. B. V. Guimarães deixo-lhe em uso fruto a casa em que vivemos em Thomar, na rua da Corredoura e a propriedade á Camara de Thomar para nela estabelecer uma Biblioteca com o nome Biblioteca Emilia Guimarães com todos os meus livros e os d'ela.*

<sup>30</sup> A Construção Moderna Nº 466 de 25 de maio de 1916.

<sup>31</sup> Vide página 67 da obra Vieira Guimarães: Contributo para uma Biografia (Ribeiro, 2012).

<sup>32</sup> José Vieira da Silva Guimarães faleceu a 6 de março de 1939.

Não tendo tido descendentes diretos, é numa frase que faz soar o nome de duas senhoras.

Numa das conversas que tivemos com o arquiteto José Inácio da Costa Rosa, ele mesmo ainda se recordava de Maria José de Sousa Brandão Vieira Guimarães<sup>33</sup>, como sendo uma senhora do norte com bastante força, energia, loira e sorridente, de quem *Vieira Guimarães tinha um grande encanto*.

De acordo com Ana Margarida Ribeiro (2012), José Vieira Guimarães irá casar-se em segundas núpcias, aos 61 anos, com Maria José de Sousa Brandão, natural de Riba-Ui, de 49 anos. (Ribeiro, 2012)

Quanto a Emília Guimarães, consideramos de que se trate da sua primeira esposa.

#### 4. TIPOLOGIA/USO

Classificada como IM (Interesse Municipal).<sup>34</sup> Dedicada a exposições, centro informativo e sede da organização da Festa dos Tabuleiros, é de acordo com a Direção-Geral do Património Cultural designada Casa Vieira Guimarães. (Património Cultural, 2021)

#### 5. LOCALIZAÇÃO

Localizada na Rua Serpa Pinto e Rua Marquês de Pombal, junto às margens do rio e Ponte Velha de Tomar. Atualmente vizinha da pastelaria Estrelas de Tomar.

---

<sup>33</sup> A título de curiosidade, em testamento o médico nabantino refere: *deixo a minha parte do Passal de Martim em uso fruto até que a Câmara de Barcelos construa n'esse terreno uma escola para o sexo feminino com o nome de Escola Maria José Guimarães à qual deixo o terreno, pedindo a minha mulher que ajude com o vigamento ou qualquer outra coisa para ter a alegria de ver ensinar a ler às creanças n'uma escola com o nome d'ela (...).*

<sup>34</sup> A classificação para IM nos termos do n.º 2 do art.º 112.º da Lei n.º 107/2001, publicada no DR, I Série-A, N.º 209, de 8-09-2001 (Património Cultural, 2021)

## 6. PLANTA, PROJETO E DESCRIÇÃO

As imagens seguintes, gentilmente cedidas pelo Município de Tomar, pela pessoa, a Dra. Vereadora Filipa Fernandes, correspondem respetivamente à planta e ao projeto<sup>35</sup> originais do edifício mandado erguer pelo Dr. Vieira Guimarães.

Segundo a *Direção-Geral do Património Cultural*, o edifício é:

*(...) formado pela conjugação de dois corpos retangulares dispostos em planta trapezoidal, conjugados ao centro por um torreão octogonal rematado com coruchéu desenhado pelo proprietário. A fachada divide-se em dois andares onde se dispõem aberturas a espaços regulares. (...)* (Património Cultural, 2021)

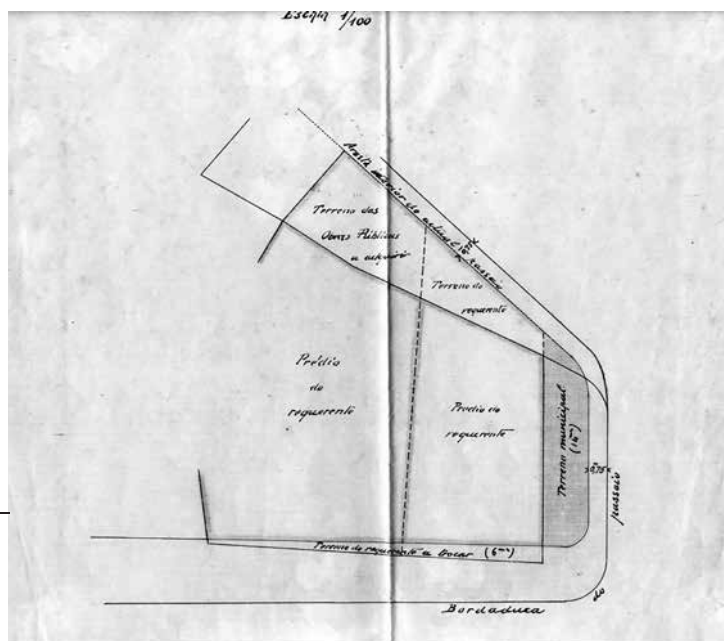
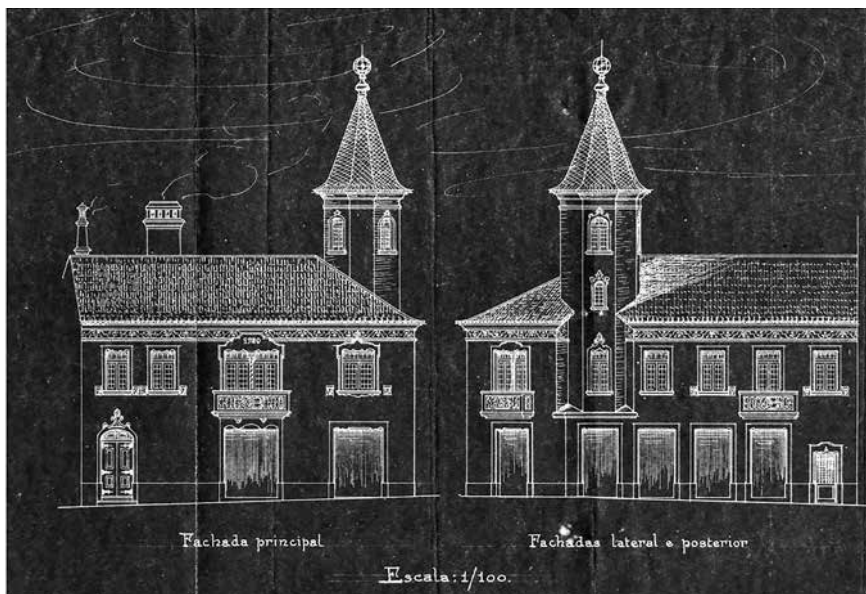


Figura 9

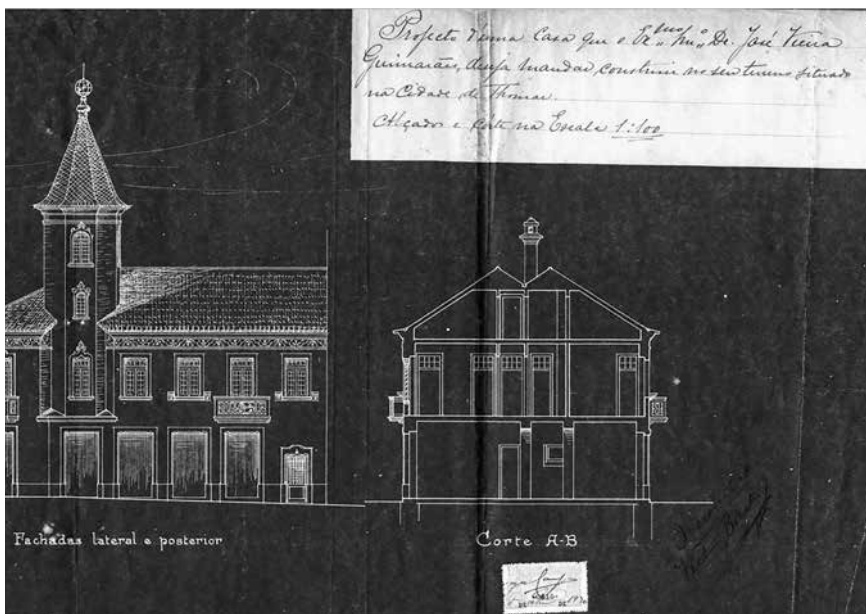
Desenho de vista superior do território, original de 1920. (Arquivo Municipal de Tomar)

<sup>35</sup> Decidimos assim distinguir, dado a carta do condutor das obras realizar esta distinção, entre a planta e o desenho do edifício com as respetivas fachadas, ao qual atribuí a designação de *Projecto*.





**Figura 10**  
“Fachada principal”  
e “Fachadas lateral e posterior”,  
original de 1920.  
(Arquivo Municipal de Tomar)



**Figura 11**  
“Fachadas lateral e posterior”  
e “Corte A-B”, original de 1920.  
(Arquivo Municipal de Tomar)

## 7. ESTILO

O edifício apresenta um estilo marcadamente neomanuelino<sup>36</sup>. Queremos acreditar que a sua edificação é um sonho antigo do Dr. Vieira Guimarães possivelmente, por vezes, adiado devido aos custos da envergadura da obra e respetivas autorizações para os limites do terreno. No entanto, consagrado.

O seu empenho na reabilitação do Convento de Cristo, estudo dos claustros e a dedicação escrita sobre a Ordem Cristo, combinados com o complexo amor incondicional que demonstra para com Tomar e a obra manuelina, explicam o estilo empregue no desenho executado por Victor Bastos Júnior.

## 8. MENSAGENS, MISTÉRIOS E BOATOS...

A reinvenção das formas artísticas, o reviver do estilo manuelino<sup>37</sup> numa casa idealizada por si, não está ao alcance de qualquer um... Mas o Dr. Vieira Guimarães conseguiu!

Olhando a Casa Conventual percebemos o reavivar, detalhado e inspirado, dos portais e janelas manuelinas do século XVI, olhando os motivos decorativos diversos, o arco conopial, os ornatos vegetalistas estilizados, os motivos zoomórficos em baixo relevo, incorporando o seu cunho pessoal.

As iniciais JE<sup>38</sup>, presentes na varanda do lado da Corredoura, adivinham corresponder a José e Emília, lembrando a vontade expressa em testamento de se estabelecer no local a Biblioteca Emília Guimarães. Queremos acrescentar a visão de estarmos perante uma casa pensada pelos dois, ou seja, em conjunto, com a possibilidade desta companheira de vida ter falecido depois destas iniciais terem sido projetadas para o edifício.<sup>39</sup> É mais uma vez na obra *Marrocos e três mestres da Ordem de Cristo* (1916), onde encontramos réstias deste construir intelectual até ao edifício, através do relato da sua viagem a Marrocos em 1915, onde menciona a sua companhia:

---

<sup>36</sup> O estilo neomanuelino desenvolveu-se entre o século XIX e o início do XX, sendo a principal forma de arquitetura do romantismo português, revivalista nos aspetos mais superficiais da obra manuelina e assumindo um carácter nacionalista na construção. (RTP, 2015)

<sup>37</sup> O estilo manuelino é um estilo decorativo, escultórico e de arte móvel que se desenvolve durante o reinado de D. Manuel I e prossegue até e após a sua morte. (RTP, 2015)

<sup>38</sup> Alguns consideram tratar-se de VG, de Vieira Guimarães. No entanto, consideramos pertencer JE pelos motivos que apresentamos.

<sup>39</sup> As iniciais JE entrelaçadas surgem nas três varandas da habitação, assim como presente no desenho original, pelo que depreendemos que se comportam como um logótipo.

*Portugueses éramos quatro: Joaquim José Soeiro, de Tomar, Manuel Baptista Costa, de Lisboa, minha esposa e eu.* (Guimarães, 1916: 134)

Numa das nossas conversas com o arquiteto José Inácio da Costa Rosa em 2019, abordámos o assunto pelo que, tal como nós, considera que as estranhas letras se referem a um J e a um E<sup>40</sup>.



Figura 12

Pormenor da varanda com as iniciais “V” e “G”, ou “J” e “E”, presentes no *Projecto* da Casa Vieira Guimarães.



Figura 13

Pormenor da torre octogonal da Casa Vieira Guimarães presente no Projeto da Casa Vieira Guimarães.

A torre octogonal é outro dos encantos que delicia os olhos dos turistas. O impacto emocional provocado pela aparente beleza que transmite, diferente em cada pessoa, reforçado por elementos históricos num paralelismo com outra torre<sup>41</sup>, a da Igreja de São João Baptista. Ambas erguendo no alto a esfera armilar<sup>42</sup>.

De acordo com José-Augusto França (1994), *ao sabor tradicionalista* o Dr. Vieira Guimarães procura *erguer com desenho seu, uma torre de telhado piramidal à entrada da Corredoura, junto à ponte, em casa de beirados «à antiga portuguesa» e janelas amaineladas* (França, 1994:102).

<sup>40</sup> O Coronel Vasco da Costa Salema é da mesma opinião no entanto engana-se, na sua obra *Coisas e Loisa de Tomar*, quando traduz o J como João e não como José. (Salema, 1988)

<sup>41</sup> Presente no outro extremo, da mesma rua.

<sup>42</sup> A esfera armilar é uma imagem que representa tridimensionalmente o cosmos, de acordo com Carlos Godinho (2016): *A retórica manuelina expressava a esfera como significando a esperança em Deus, no sentido da instauração de uma nova era, da qual Portugal seria a nação escolhida para a concretizar, e D. Manuel I o seu líder messiânico.* (Godinho, 2016: 117)

A duração para a construção do edifício é delineada na carta que acompanha o projeto, no entanto, tal como já identificámos, das respetivas datas presentes no projeto que hoje poderemos observar nas fachadas do edifício apenas surge a de 1920, sendo que a de 1922 não está contemplada tal como podemos constatar.

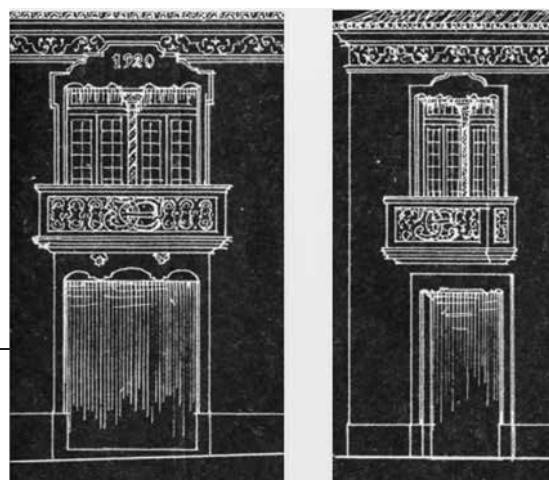


Figura 14

Janelas da Casa Vieira Guimarães, referentes às datas de construção.

Segundo Ana Margarida Ribeiro (2012), a afeição que o Dr. Vieira Guimarães tem pela história está bem presente no edifício através de toda a simbologia incluída. No livro que lhe dedica, apresenta o subcapítulo Vieira Guimarães e a Maçonaria, assinado por Susana Afonso, onde realiza uma analogia entre os elementos arquitetónicos da habitação e a Maçonaria<sup>43</sup>. Neste contexto salienta que uma das janelas<sup>44</sup>, apresenta três vieiras<sup>45</sup>, que podem apresentar uma relação direta com o seu apelido Vieira, mas/e simbolicamente representar os três pontos com que finaliza a sua assinatura.<sup>46</sup> (Ribeiro, 2012: 42)

No entendimento deste assunto, deparámo-nos com algumas dificuldades, no entanto, a assinatura presente em carta destinada ao pedido de licença das alterações para a edificação da Casa Conventual, permitiu-nos consolidar esta informação. Antes de mostrarmos a assinatura que consideramos resolver a nossa dúvida, apresentamos outras duas que permitem elucidar sobre o nosso dilema.

<sup>43</sup> Sociedade secreta, cuja doutrina segue os valores da liberdade, fraternidade, igualdade e a filantropia, utiliza simbolicamente os instrumentos do pedreiro e do arquiteto (o triângulo e o compasso).

<sup>44</sup> A primeira janela, do piso superior, à entrada na Corredoura.

<sup>45</sup> De acordo com a autora, a concha veneriae simboliza a fertilidade, a renovação.

<sup>46</sup> Tivemos alguma dificuldade na compreensão dos três pontos nas respetivas assinaturas, principalmente nas que assina apenas a palavra *autor*.



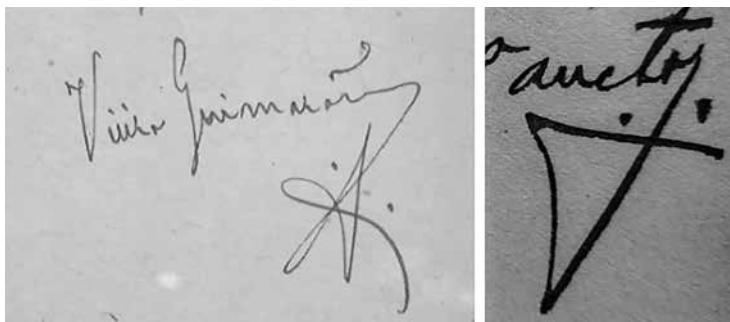
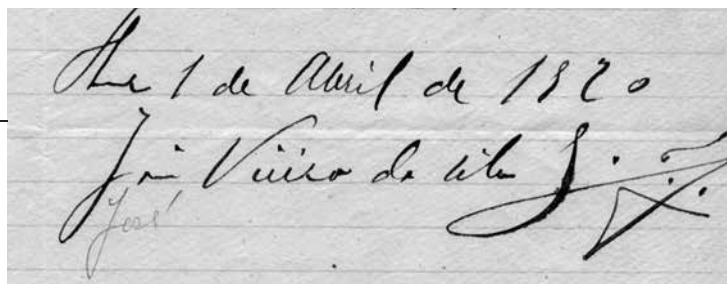


Figura 15

Duas assinaturas de José Vieira Guimarães retiradas do nosso arquivo, que parecem fazer surgir apenas dois pontos.

Figura 16  
Assinatura presente na carta do pedido de licença, onde faz surgir de forma exemplar os três pontos.



A autora refere-se igualmente à esfera armilar, em representação da maçonaria internacional. Sobre esta leitura, colocamos novamente algumas interrogações. Por um lado, sabemos das suas ligações a alguns maçons conhecidos, que reforça a possibilidade de pertencer à maçonaria<sup>47</sup>; por outro, a esfera armilar, em nossa opinião, enquadra-se no revivalismo do estilo neomanuelino<sup>48</sup>, para além de marcar paralelo com a da igreja manuelina de São João Baptista.

Outros elementos como o caracol, presente na mísula<sup>49</sup> direita da janela das três vieiras, numa ligação ao ciclo lunar e à fertilidade; a mísula em forma de folha de acanto, o relógio de sol, uma mísula com uma salamandra, que segundo a autora simboliza a iniciação, estão igualmente referenciados. (Ribeiro, 2012: 45)

<sup>47</sup> De acordo com a nossa investigação, apesar de o Dr. Vieira Guimarães aparentemente ser ateu, consideramos a possibilidade de pertencer à maçonaria.

<sup>48</sup> Há igualmente outra esfera armilar, na sua casa dos Marmelais, mais antiga, sobre a qual trataremos adiante.

<sup>49</sup> Mísula é um ornato que ressaí de uma superfície podendo servir de suporte a objetos.



Noutro prisma, o blogue Porto da Lage<sup>50</sup> conta-nos uma história que, por sua vez, tem como fonte o Coronel Vasco da Costa Salema, no seu livro *Coisas e Loisas de Tomar* (1988). Nele menciona João de Deus (1830-1896), vindo de Coimbra, de férias, para a sua terra, S. Bartolomeu de Messines. Ao passar na ponte, vê uma tabuleta numa hospedaria que ficava à entrada da Corredoura, do lado norte: *Estalagem do Com Ovos*, e de forma maliciosa lê para os colegas: *Estalagem do Comovos*; ao que acrescenta: *Nesta não fico eu!* (Salema, 1988; MFM, 2019)

A autora MFM identifica numa antiga fotografia do século XIX, a presença de uma tabuleta: *infelizmente, não se consegue ler, será o anúncio à estalagem?*



Figura 17

Fotografia do século XIX,  
anterior a 1887.

Em formato de curiosidade, acontece que durante a construção da Casa Conventual, os vizinhos também fizeram as suas obras. Caso para dizer: se ele faz, eu também faço...

Quisemos perceber um pouco mais sobre o assunto e fomos estudar alguns jornais da época, junto da Biblioteca António Cartaxo da Fonseca. Encontrámos a notícia *Nova Havanesa*, na edição nº 73 de 27 de setembro de 1923 do jornal *Ecos de Tomar*. E percebemos que o arquiteto não é o mesmo... (Tavares, 1923a: 2)

<sup>50</sup> Porto da Lage é uma aldeia do concelho de Tomar. Através dos caminhos-de-ferro e respetiva estação, forneceu a cidade durante décadas, tornou-se próspera em negociantes. O avô paterno do nosso autor tinha lá o seu comércio: chamava-se João Cacheiro Peixoto.

Inaugurou no passado domingo as suas novas instalações este conhecido estabelecimento de Tomar. A nova Havanesa, que ombreia com as melhores casas da província no seu género, é dotada de uma ampla sala no rés-do-chão, para serviço de cafés e venda de artigos de escritório, livraria, papelaria, etc., uma esplanada para as noites calmas, e um belo salão de jogos e serviço de buffete, no primeiro andar. A nova Havanesa pode considerar-se um bom melhoramento para a nossa cidade pelo que o «Ecos» não regateiam os merecidos louvores aos seus proprietários, que se não têm poupado a esforços no sentido de a tornar digna da escolhida sociedade que a frequenta. O edifício, ainda por concluir, promete ser ainda um dos mais interessantes, sob o ponto de vista estético, o que honra sobremaneira o seu architecto, sr. João Vicente Martinho. (Tavares, 1923a: 2)

O blogue Porto da Lage percebe igualmente o surgimento de uma Havaneza, mais alta. (MFM, 2019)

Uma Nova Havaneza nasce em Tomar! (Tavares, 1923a:2)

É caso para dizer: *se o vizinho pode, eu também posso.*



Figura 18

A nova habitação pouco depois de estar pronta. Ano: 1922?



Figura 19  
HAVANEZA em grande destaque. Ano: 1923?

O Dr. Vieira Guimarães era um homem de mistérios. Só o facto de ter *desencantado* a lápide parietal do túmulo de D. Gualdim Pais na Igreja de Santa Maria dos Olivais, no mesmo ano em que se comemora o centenário da sua morte em Tomar, em 1895, suscita alguma curiosidade. Mas como diz o ditado, *quem procura, sempre encontra*.

Estamos em crer que, em 1923, esconde um segredo, relativamente bem guardado; e não quer que de todo transborde para a sociedade tomarense pois, segundo depreendemos, esta não está ainda pronta para o receber. O novo livro que prepara minuciosamente só será publicado em 1927<sup>51</sup>. Descobrimos que em 1923 irá participar num congresso em Salamanca<sup>52</sup>, onde irá expor a sua descoberta.<sup>53</sup> (Peixoto & Martins, 2020) No entanto, algum nervosismo apodera-se de si, pois os nabantinos ainda não estão prontos para entender a

<sup>51</sup> A obra THOMAR Sta. Iria (1927).

<sup>52</sup> O segundo congresso misto, organizado pela Associação Portuguesa para o Progresso da Ciência e pela Associação Espanhola para o Progresso das Ciências, realiza-se em Salamanca entre os dias 24 e 29 de junho de 1923, e é presidido na sessão de abertura pelo rei de Espanha D. Afonso XIII (1886-1941), tendo particularmente várias intervenções nacionais no terceiro tomo, onde intervém o médico nabantino. (Peixoto & Martins, 2020)

<sup>53</sup> Vide, a título de complemento, o artigo *Vieira Guimarães (1864-1939) e a Arqueologia em Tomar: uma abordagem sobre o território e as gentes* (Peixoto & Martins, 2020). Sobre este assunto apresentámos conteúdo inédito, incluindo uma participação de José Vieira Guimarães num congresso em 1923, assim como consideramos que comete uma falha, em nossa opinião, a prova potencial do seu trabalho. (Peixoto & Martins, 2020)

explicação da localização de Seilium<sup>54</sup> em Tomar, tornando a popular *Nabância* romana numa lenda.

Mas a notícia chega, parcialmente, à *terra*, e o jornal *Ecos de Tomar*, entrevista o Dr. Vieira Guimarães. A edição nº 66 de 9 de agosto de 1923, faz capa com o título: *O MONUMENTO DE CRISTO EM TOMAR DEFENDIDO EM TERRAS DE ESPANHA* (Tavares, 1923b:1)

Pelo que descortinamos: o assunto que leva a congresso passou para segundo plano nesta publicação, pois é dado enfoque aos elogios que outro redator, do Primeiro de Janeiro fez, ao mencionar que o Dr. Vieira Guimarães *alcançou calorosos aplausos no seu discurso sobre o estilo manuelino e sobre o nosso monumento.* (Tavares, 1923b:1)

O Dr. Vieira Guimarães explica: *Favôr do Marques Moura, ilustre redactor daquele importante jornal, que se fez eco das felicitações que me dirigiram, tanto portugueses como espanhoes, nesta sessão, apoz umas pequenas palavras que proferi em favor do nosso modo architectural dos séculos XV e XVI (...).*

Poucas são as linhas que são dedicadas à participação do Dr. Vieira Guimarães na sua intervenção. O jornalista do *Ecos de Tomar*, questiona: *A sua comunicação foi sobre Selhim?* (Tavares, 1923b:1)

O doutor responde: *Foi. Como sabe, extrahi-a do meu novo livro em preparação sobre o Convento de Santa Iria. Nela demonstrei, em face de documentos e tradições, a existência dessa cidade na margem esquerda do Nabão, onde hoje é o bairro de Além da Ponte. Em breve o lerá, pois vai ser impresso.*

A entrevista continua, mas fora deste contexto, referindo-se às cidades castelhanas, até terminar: *Falaremos, falaremos, diz o Doutor Vieira Guimarães, afastando-se.* (Tavares, 1923b:1)

É perceptível que a notícia do seu breve discurso dedicado à arquitetura dos séculos XV e XVI encobre, nesta entrevista, a sua comunicação em congresso.

---

<sup>54</sup> Voltámos a abordar este tema no IV Congresso de Arqueologia do Alentejo Norte que aconteceu no mês de março de 2022 em Castelo de Vide, com o título *Arqueologia e salvaguarda do património cultural de Tomar: os casos de Roure Pietra (1815-1874) e de Vieira Guimarães (1864-1939)*, com artigo no prelo.



Com a concluída habitação na Corredoura, o doutor faz cintilar o estilo manuelino, escondendo o verdadeiro motivo que o transporta a Salamanca: *lindo estilo que quem o quizer lêr há de vir à nossa cidade com olhos bem abertos, inteligência bem clara e coração bem português.* (Tavares, 1923b:1)

Eis mais uma fotografia, que nos suscita curiosidade em perceber se o Dr. Vieira Guimarães entra no negócio da gasolina?



Figura 20

O automóvel que percorre a Corredoura de Tomar.

No desfecho deste capítulo, questionamos: Onde estão as chaminés presentes no desenho original?<sup>55</sup>

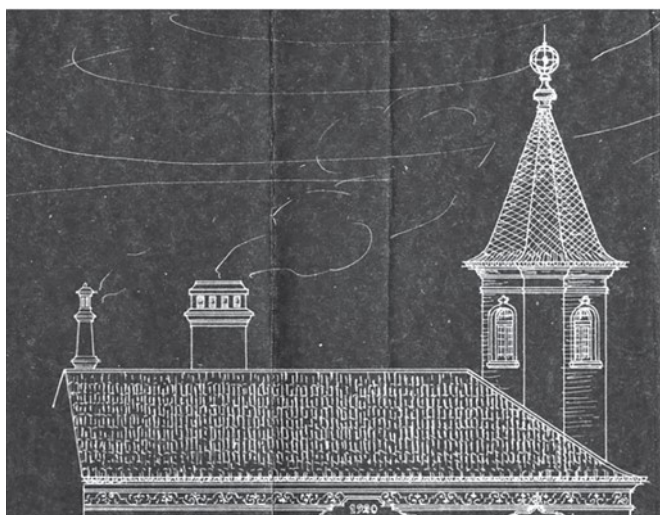


Figura 21

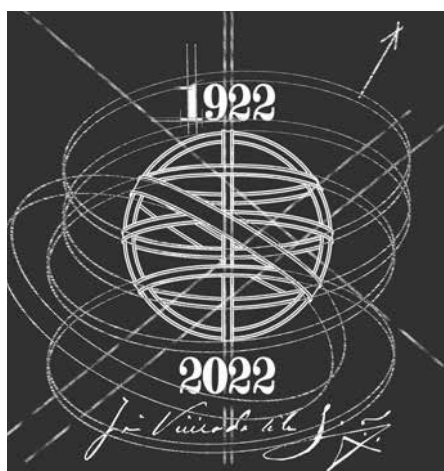
Pormenor do telhado, onde surgem duas chaminés a fumar.

<sup>55</sup> Consideramos a possibilidade de o Dr. Vieira Guimarães ter optado por não instalar as chaminés, no sentido de condicionar o local para utilização futura como biblioteca e não como habitação.



## 9. CRONOLOGIA

- 1919:** 7 de julho – a comissão camarária pede ao Dr. Vieira Guimarães que se mantenha com o propósito de erguer a sua habitação, removendo-lhe as dificuldades levantadas pela comissão anterior. (Rosa, 1974: 474)
- 1920:** 1 de abril – é entregue na secretaria da Câmara Municipal de Tomar, uma carta, correspondente ao pedido de licença para *reconstruir o seu prédio com frentes para a rua da Corredoura, largo e Avenida Marquês de Pombal*, assim como, o respetivo projeto. (Arquivo Municipal de Tomar)
- 1920:** 3 de abril – o *Conductor da obra*, Manuel de Jesus Ferreira, refere que *Não há inconveniente na conceção da licença solicitada*. (Arquivo Municipal de Tomar)
- 1920:** 5 de abril – em sessão de Câmara, é concedida licença das condições requeridas para que se concretize a construção do edifício. (Arquivo Municipal de Tomar)
- 1920-1922:** decorre a construção da habitação.
- 1923:** o Dr. Vieira Guimarães dá uso à sua habitação, altura em que compõe a obra *Thomar Sta. Iria*, que será publicada em 1927.
- 1939:** teor do testamento, consultado a 9 de março de 1939, José Vieira da Silva Guimarães assegura que a Maria José Guimarães deixa a habitação em *usufruto e a propriedade á Camara de Thomar para nela estabelecer uma Biblioteca com o nome Biblioteca Emilia Guimarães com todos os meus livros e os d'ela*. (Ribeiro, 2012: 67)



- 1940-1950:** nestas décadas esteve sedeadada a Repartição do Registo Civil no 1º andar.
- 1952:** é inaugurada no rés-do-chão a pastelaria *A Primorosa* do sr. António Martins Diogo.
- 1960:** propõe-se instalar uma Biblioteca Fixa Calouste Gulbenkian no primeiro andar do edifício, onde são inclusive realizadas obras de reabilitação para o efeito. (Arquivo Fundação Calouste Gulbenkian)
- 1961:** 15 de março – Envio para a Fundação Calouste Gulbenkian da planta do prédio municipal onde se pensa instalar: *a biblioteca que venha a ser cedida a este Município pela Fundação Calouste Gulbenkian*. (Arquivo Fundação Calouste Gulbenkian)
- 1964:** a Biblioteca Fixa nº 72 inicia atividade na Casa Vieira Guimarães.
- 1965:** a 16 de abril é realizado o registo na Conservatória do Registo Predial de Tomar, da inscrição do edifício a favor da Câmara Municipal de Tomar. (Património Cultural, 2019)
- 1970:** nesta década debateu-se a demolição do edifício.
- 1982:** recebe a classificação de Valor Concelhio. (França, 1994: 102)
- 1986:** a pastelaria *A Primorosa* de Diogo & Filhos, Lda., abre falência; os seus trabalhadores gerem o local até meados do ano seguinte. (Património Cultural, 2019)
- 1992 – 1993:** obras de recuperação da habitação pela empresa construtora *Socolino*. Remoção do painel de azulejos representativos de Nossa Senhora da Piedade, que se achava sobre a porta da Rua Marquês de Tomar. (Património Cultural, 2019)
- 2002:** é a sede da Tomar Polis, Sociedade para o Desenvolvimento do Programa Polis em Tomar, S.A., até 2017. (Património Cultural, 2019)
- 2011:** a 9 de novembro o local torna-se na sede da Festa dos Tabuleiros.
- 2019:** a 2 de outubro no *III Congresso Internacional de História Local: conceitos, práticas e desafios na contemporaneidade*, que decorreu na Universidade de Évora, apresentámos a proposta de se comemorar o centenário da Casa Vieira Guimarães. (Peixoto, 2019)

**2020:** por cortesia da Câmara Municipal de Tomar<sup>56</sup>, foi possível termos acesso ao projeto da Casa Vieira Guimarães e respetivas cartas de pedido e autorização, em formato digital; conteúdo sobre o qual nos debruçámos.

**2022:** a 13 de agosto decorre o 1º Centenário da Casa Vieira Guimarães. Sobre o qual comemoramos, pelas 19h00 no primeiro andar da Casa Vieira Guimarães, com a publicação desta obra, dia de aniversário do Dr. Vieira Guimarães. É realizada a oferta, ao edifício, de uma moldura comemorativa com a fotografia inédita de José Vieira da Silva Guimarães, que tivemos a oportunidade de apresentar no *IV Congresso de História Local: conceitos, práticas e desafios na contemporaneidade em 2020*.

A Sociedade Banda Republicana Marcial Nabantina<sup>57</sup> irá marcar presença no aniversário, no local, para assinalar o centenário.

Após a cerimónia, acontecerá um jantar de época *vintage* no *Tabernáculo do Rio*<sup>58</sup>, de onde é possível brindar à Casa Vieira Guimarães.

No dia seguinte, 14 de agosto, teremos uma visita ao Convento de Cristo na companhia do próprio Dr. Vieira Guimarães<sup>59</sup>. Encerrando, assim, as comemorações.

**Nota:** De forma a mantermos a nossa cronologia atualizada, no nosso site<sup>60</sup>, teremos uma *Cronologia Viva*<sup>61</sup>.

---

<sup>56</sup> Pela pessoa, a Dra. Vereadora Filipa Fernandes.

<sup>57</sup> A Sociedade Banda Republicana Marcial Nabantina é fundada a 12 de setembro de 1874 e batizada, então, como Real Banda Marcial Nabantina. (Sociedade Banda Republicana Marcial Nabantina, 1974)

<sup>58</sup> Os proprietários: *Chefe* Carlos Rosa Lopes, estudioso e bom cozinheiro; auxiliado pela sua irmã Regina, conhecida por todos os amigos como *Dona Gina*.

<sup>59</sup> Contamos com o amigo Rui Ferreira para este efeito, com o problema de ter olhos azuis, no entanto, um bigode moreno resolverá a situação. Rui Ferreira, nascido na rua da Judiaria em Tomar, é um dos mais conhecidos e empenhados locais no estudo do Convento de Cristo, dotado de um interesse e conhecimento enraizado pelos assuntos associados ao *monumento*.

<sup>60</sup> Vide <https://vieiraguimaraes.pt/>

<sup>61</sup> Assim lhe decidimos chamar, tendo em consideração que mais conteúdo possa ser adicionado.

## 10. ANTES, DEPOIS E AGORA



Figura 22

A casa velha no início  
do século XX.



**Figura 23**

Anos 50-60: O surgimento da Praceta de Olivença, onde se encontra a esplanada da pastelaria A Primorosa. E a Biblioteca Fixa N° 72 Calouste Gulbenkian, no 1º andar.





**Figura 24**  
Fotografia contemporânea, da autoria de Paulo Guedes Peixoto.

## 11. RECORDAÇÕES

Em digressão a Lisboa<sup>62</sup>, visitámos a Fundação Calouste Gulbenkian<sup>63</sup> com o objetivo de alcançar mais informação sobre a antiga biblioteca que esteve sediada no nosso edifício centenário.

Através dos contactos estabelecidos foi possível aceder ao processo que se encontra em arquivo sobre a biblioteca Calouste Gulbenkian N° 72 situada em Tomar.

Na nossa análise, constatámos que esteve sediada em diferentes locais, tendo inclusive existido um primeiro contacto local protagonizado por uma biblioteca itinerante<sup>64</sup>, da fundação Calouste Gulbenkian, inaugurada a 30 de janeiro de 1960. A Biblioteca Itinerante n° 29.

Em finais de 1960, surge a intenção de se instalar uma biblioteca fixa em Tomar, sendo necessário, para tal, a colaboração da Câmara Municipal de Tomar que se envolve no projeto. A Biblioteca Fixa n° 72.

Por carta, de 15 de março de 1961, o presidente camarário Dr. Aurélio Ribeiro contacta o presidente da fundação Calouste Gulbenkian, enviando a planta do prédio municipal onde se pensa instalar a biblioteca que venha a ser cedida a este Município pela Fundação Calouste Gulbenkian.

Nesta mesma planta<sup>65</sup>, correspondente a uma instalação de biblioteca no primeiro andar da Casa Vieira Guimarães, é possível identificar a presença de desenhos, efetuados manualmente, possivelmente fruto do empenho para a organização do espaço didático, onde surge identificada uma sala para crianças.

Em abril de 1961, a fundação alerta para o estado do pavimento do andar para a instalação da Biblioteca fixa: não oferece a segurança indispensável; necessitando de ser intervencionado com orçamento de obra no valor de 30 contos. Apesar das dificuldades financeiras, e de uma aparente rejeição inicial

---

<sup>62</sup> Entre 4 e 8 de julho de 2022, na companhia da nabantina Vera Bártole.

<sup>63</sup> Vide o site: <https://gulbenkian.pt/>

<sup>64</sup> Informação da Fundação Calouste Gulbenkian sobre a Biblioteca Itinerária, presente no processo: (...) *esta biblioteca instalada numa camioneta apropriada, percorre, regularmente, todas as povoações da área que lhe tenha sido demarcada. Estas bibliotecas têm um carácter popular e o serviço é gratuito, tendo não só finalidades educativas e culturais, mas também de divertimento. Os livros são emprestados por prazos fixos, livros estes criteriosamente selecionados por uma Comissão de Leitura constituída por pessoas de superior cultura e idoneidade.*

<sup>65</sup> No processo consultado encontramos a *Planta da Casa Vieira Guimarães destinada a Biblioteca Municipal*, que depreendemos corresponder à que é referenciada na informação do presidente Dr. Aurélio Ribeiro.

do município para a empreitada, surge a intenção de reabilitar as instalações de forma faseada para tornar o espaço funcional para os fins pretendidos. Neste período há uma tentativa de deslocalizar o espaço infantil, que não é atendida pela fundação que justifica com a importância de uma ligação direta com a biblioteca e a simplificação dos serviços.

A 24 de maio de 1961, o presidente Dr. Aurélio Ribeiro informa a fundação de que se encontram praticamente concluídas as obras de adaptação do edifício municipal, disponibilizando a Casa Vieira Guimarães para instalação da Biblioteca Fixa.

A 11 de outubro de 1962, após um aparente período sem contactos, o presidente camarário relembra a fundação sobre a conclusão das obras e o acordo para a instalação da biblioteca, sendo correspondido a 2 de novembro, informando-o que em breve, mas não antes de janeiro, se procederá à instalação da Biblioteca Fixa.

Apesar de o nosso processo não nos informar acerca do dia da inauguração da Biblioteca Fixa nº 72, depreendemos que tenha acontecido no ano de 1964.

Através doutra carta da Fundação Calouste Gulbenkian datada de 11 de maio de 1964, sabemos que a Biblioteca Itinerante nº 28 ainda se encontra em funções na região de Tomar, tendo 1687 inscritos, uma média de visitas quinzenais de 110 leitores que requisitam cerca de 400 livros; assim como o município aceita o encargo da instalação da Biblioteca Fixa, cedendo sala apropriada e pagando ao respetivo Encarregado, desde que lhe sejam fornecidos, nas condições habituais de empréstimo, os livros e mobiliário para tal necessários. Desta forma, estavam as condições criadas para o início da atividade desta nova biblioteca nabantina.

Sobre o horário de funcionamento ao fim-de-semana: no sábado inicia a laborar, no período da tarde, entre as 17h00 e as 20h00. No entanto, a 11 de junho de 1964 é deferido um pedido para que troque pelo horário das 10h00 às 13h00.

A 24 de março de 1965 encontramos uma carta do Dr. Manuel da Silva Guimarães<sup>66</sup>, diretor da Biblioteca Municipal de Tomar, na organização das necessidades da Biblioteca Fixa<sup>67</sup>: montagem de telefone, máquina de escrever e estantes; assim como arrumação de contas e discussão e execução de assuntos vários. O mesmo diretor<sup>68</sup> alerta que o edifício ameaça ruína, propondo deslocalizar a Biblioteca Fixa nº 72, através do aluguer de um edifício em zona central por um valor não superior a 800\$00 mensais.

A 3 de junho de 1970, de acordo com o presidente Dr. Aurélio Ribeiro, após vistoria da Casa Vieira Guimarães, concluiu-se de que não oferece a segurança necessária para poder ser ocupado ou habitado, dado o estado de ruína em que se encontram os elementos que o constituem (...) impondo-se a desocupação; mostrando abertura para uma *solução que dê continuidade de um tão útil e meritório serviço, como é o da Biblioteca fixa da Fundação Calouste Gulbenkian*.

Segundo depreendemos, é neste período de história, desta Biblioteca Fixa, que o serviço se desloca para a Praça da República, 28 – 1º andar, em 1971; que por sua vez apresenta igualmente diminutas condições para o seu funcionamento; voltando a deslocar-se, agora para a rua Conde de Farrobo, nº 7<sup>69</sup>, onde permanece, segundo apurámos, até 1982, tendo a 26 de novembro de 1982 novas instalações na Rua da Carrasqueira nº 19<sup>70</sup> onde irá permanecer até finais de 1986.<sup>71</sup>

---

<sup>66</sup> Manuel da Silva Guimarães (1938-1997), natural do Sabugal, professor em Tomar, historiador com obra publicada, diretor da Biblioteca Municipal de Tomar, idealiza o evento *Congresso da Sopa*. Queremos assinalar de que não é familiar de José Vieira da Silva Guimarães, apesar da similaridade dos apelidos poder gerar tal confusão.

<sup>67</sup> A qual depreendemos se situar na Casa Vieira Guimarães.

<sup>68</sup> A 19 fevereiro de 1970.

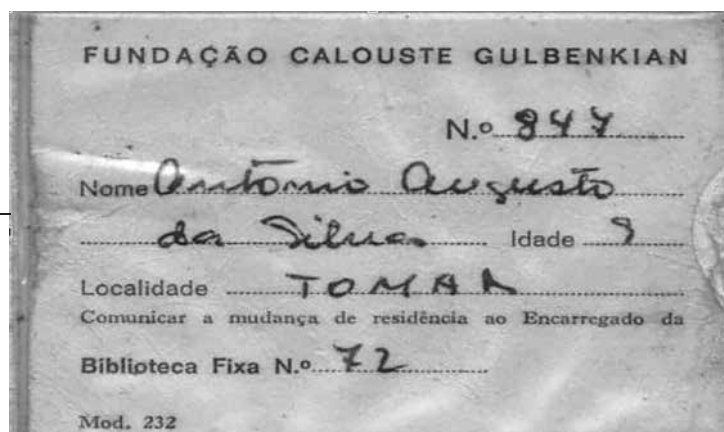
<sup>69</sup> Local onde já se encontra instalada a 12 de junho de 1971, segundo nota consultada no processo. Segundo apurámos corresponde à atual Rua dos Voluntários da República em Tomar.

<sup>70</sup> Segundo apurámos, a proximidade entre as duas moradas, e as mudanças de instalações, poderão estar relacionadas com as alterações no território que decorreram na década de 80.

<sup>71</sup> Queremos destacar uma nota de informação da Câmara Municipal, de 1985, que declara que a Biblioteca Fixa tem bastante movimento, tendo-se inclusive proposto a necessidade de alargar o horário até às 20h00.

Figura 25

Encontrámos um amigo que ainda guarda o seu cartão da Biblioteca Fixa Nº 72. O Tó da Rádio, a quem agradecemos a amabilidade de nos permitir partilhar esta preciosidade.



O entendimento do processo da Biblioteca Fixa nº 72 é para nós precioso pois permite-nos alcançar um maior conhecimento sobre os acontecimentos em torno do edifício e do concretizar de uma vontade de José Vieira da Silva Guimarães, assim como compreender a importância desta biblioteca para a comunidade e das dificuldades físicas para a respetiva instalação naquele local.

Na nossa digressão, tivemos a oportunidade de passar pelo *Parque Mayer*<sup>72</sup> onde encontrámos outro aniversário: *100 anos Parque Mayer*. Com imagens e cor, surpreende quem passa.

Passámos igualmente pelo Museu de Lisboa, onde visitámos a exposição, *Os loucos anos 20*<sup>73</sup>, um retrato daquela década, marcada por inovações tecnológicas, consolidação de mudanças socioculturais, transformações de mentalidades e costumes, onde Lisboa é palco de novidades, transgressões e extravagâncias. Novos espaços de lazer surgem marcando o novo ritmo da vida moderna na cidade, onde o cosmopolitismo e a modernidade vingam e marcam o quotidiano urbano.

A exposição relata-nos que os anos vinte estão no imaginário coletivo como *sinónimo de otimismo, prosperidade e celebração da alegria de viver no rescaldo da I Guerra Mundial e da pandemia da gripe pneumónica*. As luzes, a indústria, o automóvel, as danças frenéticas, os estabelecimentos de diversão noturna onde se podia beber, comer, dançar e conversar, mostravam esta mesma vontade de erguer a sociedade, em contraste com a instabilidade política, social e económica.

<sup>72</sup> Espaço icónico da cidade de Lisboa, dedicado a teatros de revista e dotado de zonas de lazer.

<sup>73</sup> Vide o site: <https://www.museudelisboa.pt/pt/acontece/os-loucos-anos-20-em-lisboa>



A título de curiosidade, num outro museu que visitámos, o Museu do Dinheiro<sup>74</sup>, encontrámos em exposição numa sala com vista para a Praça do Município, um exemplar de uma cédula<sup>75</sup> de 10 cêntimos da Santa Casa da Misericórdia de Thomar<sup>76</sup>, possivelmente original dos anos 20. Caso tenha sido impreso em 1922, tal como o vale de 2 cêntimos de Vila Real de Santo António em cima, está igualmente no seu centenário.



Figura 23

Cédula de 10 cêntimos da Misericórdia de Thomar

Sobre a pastelaria *A Primorosa*, que funcionou no rés-chão da Casa Vieira Guimarães durante algumas décadas, consultámos várias pessoas com imensas recordações. Cada um com a sua melhor lembrança, alguns recordaram as queijadas e o bolo de arroz, outros a esplanada e os amigos, há quem classifique como local de algum costume de calhandrice. A existência de uma máquina de sorvetes, local de espera dos rapazes para ver as moças passar quando vinham da missa e a diversão de observar o polícia sinaleiro.

Entre as comemorações do 1º Centenário da Casa Vieira Guimarães, marca presença a Sociedade Banda Republicana Marcial Nabantina, uma das

<sup>74</sup> Vide o site: <https://www.museudodinheiro.pt/>

<sup>75</sup> Na década de 20, as Misericórdias emitiram papel-moeda nos locais onde escasseou o metal em circulação. A título de curiosidade vide o site: <https://www.ump.pt/Home/patrimonio/noticias/suprir-a-necessidade-local-de-moeda/>

<sup>76</sup> Fundada em 1510, pelo rei D. Manuel I.

bandas filarmónicas de Tomar que habitualmente comparecia em momentos marcantes da vida de José Vieira da Silva Guimarães.

Desta forma, queremos assinalar um desses épicos momentos<sup>77</sup> para o Dr. Vieira Guimarães, referente à sua chegada à estação de Paialvo, quando ainda não existia estação ferroviária em Tomar. No dia 23 de julho de 1897, defende tese. E na madrugada de 25 de julho uma multidão de gente aguarda, na estação, ansiosamente a chegada do filho da terra, agora *Doutor*. O momento é captado pelo jornal *A Verdade*, edição nº 900:

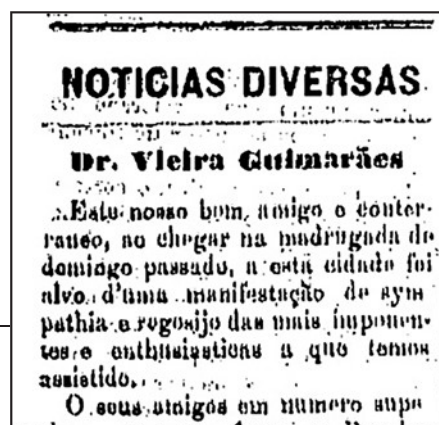


Figura 27  
Notícia parcial da edição nº 900.

*Os seus amigos em número superior a quarenta foram a Paialvo aguardar a sua chegada, fazendo-se acompanhar da filarmónica Nabantina. Esta ao avistar se locomotiva rompeu com o hymno nacional no meio do estalejar dos foguetes. (Magalhães, 1897: 2)*

Na chegada a Tomar, à entrada da rua da Graça, a outra banda marcava presença:

*À entrada da rua da Graça estavam a philarmónica Thomarense e perto de 300 pessoas. A chegada do nosso amigo foi anunciada por uma girandola de foguetes e pelo hymo da Carta por aquella philarmónica. Apeou-se Vieira Guimarães, bem como todos os que o tinham acompanhado e organizada uma marcha aux*

<sup>77</sup> Este momento está reportado no nosso trabalho resultante do IV Congresso de História Local: conceitos, práticas e desafios da contemporaneidade (PEIXOTO, 2020)

*flambeaux seguiu o cortejo pela rua da Graça, Everard, Serpa Pinto, Direita, da Várzea p., Capela até à residência do nosso amigo. (...) (Magalhães, 1897: 2)*

O atual presidente da Sociedade Banda Republicana Marcial Nabantina<sup>78</sup>, João Victal<sup>79</sup>, e autor do posfácio desta obra, encontrou no arquivo desta conceituada casa tomarense, um documento<sup>80</sup> que anuncia José Vieira da Silva Guimarães como sócio efetivo.

## 12. AS OUTRAS CASAS

Consideramos de importância incluir neste trabalho dedicado ao centenário da Casa Vieira Guimarães as outras casas do médico nabantino.

### **A casa onde nasceu**

De forma organizada queremos começar pela casa onde nasceu a 13 de agosto de 1864, situada na antiga rua da Capela, atual rua Sacadura Cabral em Tomar.

A 13 de agosto de 1964, em modo de comemoração do centenário do nascimento do médico e historiógrafo nabantino, é afixada no edifício onde nasce e cresce uma placa comemorativa.

Nesta cerimónia marcam presença vários locais, entre representantes do município e amigos do aniversariante.

---

<sup>78</sup> Localizada no nº 54 da rua da Silva Magalhães, em Tomar.

<sup>79</sup> João Victal, natural de Tomar, atual presidente da *Sociedade Banda Republicana Marcial Nabantina*, foi *Mordomo da Festa dos Tabuleiros* em 2007, 2011 e 2015.

<sup>80</sup> Estivemos a estudar este documento de 13 de março de 1905, onde surge identificado como *Commendador Vieira Guimarães*.



**Figura 28**

Colocação da placa comemorativa do centenário do nascimento de José Vieira da Silva Guimarães a 13 de agosto de 1964. Cortesia de José Inácio da Costa Rosa em 2019. Nesta fotografia marcam presença Amorim Rosa e Manuel José Rosa.

### **A Quinta das Onze Igrejas**

A edição Nº 762 de 28 de agosto de 1898 do jornal *O Thomarense*, apresenta a venda de uma propriedade rústica, *que consta de pão, mato, oliveiras e pinheiros, situada no Vinho-vai lemite Cem-Soldos próximo á quinta da Pisca. E, livre de foro. Quem a pretender pode derigir-se a João Vieira da Silva Guimarães d' esta cidade.* (Bastos, 1898: 3)

No respetivo ano, encontrar o pai do Dr. Vieira Guimarães seria tarefa fácil em Tomar; com facilidade um nabantino indicaria a casa da Rua da Capela. A venda desta propriedade surge sensivelmente um ano após a conclusão do curso de medicina em julho de 1897 e da festiva chegada do recém-formado médico à estação de Paialvo e a Tomar, onde acontece um emocionado abraço com o pai tal como é descrito pela edição Nº 900 de agosto de 1897 do jornal *A Verdade*: (...) *quando deparou com o pae, que quasi escondido n'um recanto enxugava*

*duas lágrimas d'alegria que lhe deslizavam pelo face rugosa, e enche-lhe nos braços com um arrebatamento tão vibrante d'intimo contentamento, que se nos arrazaram de lágrimas os olhos. Tão tocante era o quadro. (...)*



Figura 29

Anúncio no jornal *O Thomarense*.  
(Bastos, 1898: p.3)

A introdução da obra *Marrocos e três mestres da Ordem de Christo* (1916), a mesma que refere o arquiteto Victor Bastos, é assinada como tendo sido escrita na *Quinta das Onze Igrejas*. (Guimarães, 1916) Esta mesma propriedade surge referida em testamento: *Aos meus sobrinhos Manoel Vieira de Araujo e António Vieira de Araujo deixo-lhes a fazenda das onze Igrejas (Algarvias)*. (Ribeiro, 2012)

As duas localizações apresentadas, de *Vinho Vai a Cem Soldos* e *Algarvias*, permitem depreender a proximidade territorial e a possibilidade de se tratarem da mesma propriedade ou de a *Quinta das Onze Igrejas* ser parte desse mesmo território.

### A casa de Lisboa

Através do catálogo oficial da *Primeira Exposição Colonial Portuguesa*, foi possível encontrar uma morada do Dr. Vieira Guimarães em Lisboa. (O Império Português, 1934)

O Dr. Vieira Guimarães está incluído num longo grupo de expositores que participou neste evento.



Figura 30  
Morada da casa de Lisboa.

394 — **Vieira Guimarães**  
LISBOA — *Calçada do Monte, 29-1.º*  
Trechos arquitectónicos da Igreja de  
Cristo, de Tomar.

A revista *A Construção Portuguesa*, edição N.º 318 de 10 de fevereiro de 1910, permite-nos confirmar esta informação, pois inclui uma entrevista ao médico nabantino, que acontece precisamente na rua da Calçada do Monte em Lisboa. (Collares, 1910: 140)

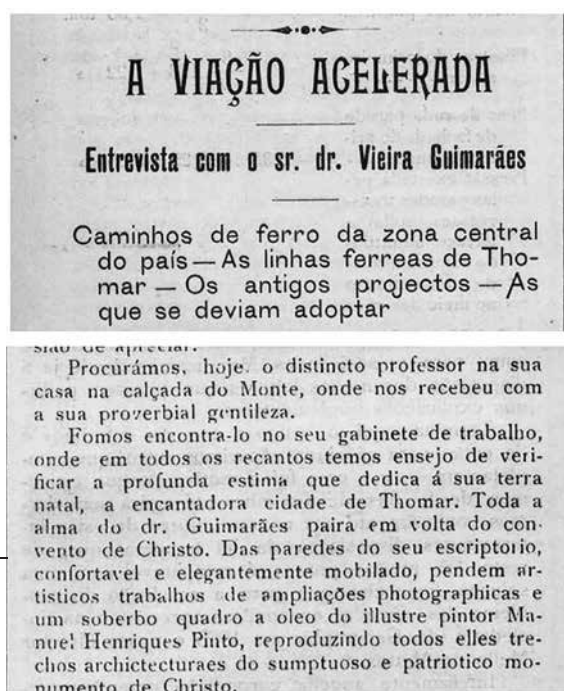


Figura 31  
Entrevista ao Dr. Vieira Guimarães, na Revista *A Construção Portuguesa*. (Collares, 1910: 140)

A entrevista inclui a descrição do seu gabinete de trabalho, onde há o destaque da *profunda estima que dedica á sua terra natal, a encantadora cidade de Thomar. Toda a alma do dr. Guimarães paira em volta do convento de Christo. Das paredes do seu escriptorio, confortável e elegantemente mobilado, pendem artisticos trabalhos de ampliações photographicas e um soberbo quadro a óleo*

*do ilustre pintor Manuel Henrique Pinto*<sup>81</sup>, reproduzindo todos eles trechos *architecturaes do sumptuoso e patriotico monumento de Christo*. (Collares, 1910: 140)

Sobre esta descrição apresentada consideramos a possibilidade, à imagem de ter um quadro de Manuel Henrique Pinto, de os trabalhos fotográficos ampliados serem da autoria de António da Silva Magalhães<sup>82</sup>, outro amigo do médico nabantino.

### A “ilustre” casa do Dr. Vieira Guimarães

A mesma revista volta novamente a encontrar-se com o Dr. Vieira Guimarães no ano seguinte. A *Construção Portuguesa*, edição N.º 360 de 20 de dezembro de 1911, dedica-se à *casa do comendador Vieira Guimarães, em Thomar*. (Collares, 1911:185-186)

Este artigo apresenta fotografias das fachadas da casa de José Vieira Guimarães que se situava na Quinta de Marmelais<sup>83</sup>, em Marmelais de baixo, doada em testamento à Câmara Municipal de Tomar.

A entrevista informa-nos sobre a vontade do Dr. Vieira Guimarães em construir uma habitação junto às margens do rio Nabão, donde *dirigisse os trabalhos da sua olivicultura tendo procurado nos moldes e linhas geraes da casa portugueza a sua construção como prova do seu grande amor patrio*.

---

<sup>81</sup> Manuel Henrique Pinto (1853-1912), pintor naturalista, elemento do *Grupo O Leão* e próximo de José Malhoa (1855-1933), ambos pintores do primeiro naturalismo português, que em 1895 cumpria funções como diretor da Escola de Desenho Industrial Jácome Raton, em Tomar desde 1888, ano em que ocupa o lugar do seu falecido amigo Cipriano Martins (1841-1888), outro elemento do *Grupo O Leão*. Como tivemos a oportunidade de comprovar no *III Congresso dos Arqueólogos Portugueses*, Manuel Henrique Pinto e José Vieira Guimarães participam ambos em escavações na Igreja de Santa Maria dos Olivais em Tomar e respetiva descoberta do epitáfio de D. Gualdim Pais em 1895. (Museu Centro de Artes Figueiró dos Vinhos, 2020; Peixoto 2020)

<sup>82</sup> António da Silva Magalhães (1834-1897), fotógrafo, editor, fundador e proprietário da Typografia Photographia Tomarense, onde se imprimiu o primeiro jornal local *A Emancipação*, ao qual se seguiu o jornal *A Verdade* por si criado, do qual é diretor e proprietário. Dedicou-se igualmente ao colecionismo, teatro, política e arqueologia. É próximo de José Vieira Guimarães, tendo este lhe dedicado alguns dos seus trabalhos escritos. (Ventura, 2004; Peixoto & Martins, 2020)

<sup>83</sup> Esta habitação foi demolida, localizava-se no terreno do atual viveiro municipal de Tomar.

Figura 32

Fachadas da casa do Dr. Vieira Guimarães  
na Quinta de Marmelais.  
(Collares, 1911:185)



*Os motivos architectonicos da sua casa, são como se vê pelas fotogravuras:*

*Nos ventiladores moldura-se a cruz dos Templarios;*

*Na grimpá da chaminé abre-se a cruz da Ordem de Christo;*

*A grimpá do campanário é encimada pela esfera armilar; as portas do rez-do-chão e do primeiro andar são assombreadas por elegantes e portuguesíssimos alpendres.*

*As paredes exteriores são ornamentadas por grandes pratos de cerâmica com retratos de Gualdim Paes, D. Diniz, D. Henrique, D. Gil Martins, figuras notáveis das ordens do Templo e de Christo de que é comendador o Dr. Vieira Guimarães; a vista geral do convento e da fachada occidental da igreja.*

*N'uns artísticos azulejos tem o seu monograma sobre a cruz de Christo (oferta do ceramista) Gualdim Paes, a cavallo vindo da cidade de Thomar para a sua casa capitular no alto do monte e S. José, em ponto grande.*

*N'uma esquina um cadieiro e n'outra um relógio de sol.*

*O vão da escada tem um arremedo de presépio ou cascata, onde avulta uma estatua de mulher e variadíssimas estatuetas que dão cunho regional á composição;*

*As portas e janelas são de vários estylos, modelos tirados do maravilhoso convento de Christo, sobressaindo uma linda janella do século XVI que tanto foi admirada pelo grande architecto A. Haulp quando esteve em Thomar que a reproduziu no seu esplendido livro, a «Renascença Portuguesa»*

*Duas cascatas, á campo-grande, suavizam o ambiente com a frescura, e canteiros de flôres perfumam o pitoresco sitio. (Collares, 1911:186)*

Tal como podemos verificar, neste artigo surge a informação sobre a reprodução de uma janela numa obra literária da autoria de Karl Albrecht Haupt<sup>84</sup>. Pelo que fomos explorar este assunto.

A obra *A Architectura da Renascença em Portugal* foi reeditada pela revista *Serões*: revista mensal ilustrada, tendo republicado o capítulo destinado a Tomar nas edições N° 29 e N° 30 em 1907. (Mendonça, 1907a: 339-349; Mendonça, 1907b: 433-439)

Na edição N° 30 da revista *Serões*<sup>85</sup>, surgem duas ilustrações referentes a janelas manuelinas, que o autor descreve como janelas de casas tomarenses, no entanto questionamos se alguma destas ilustrações corresponderá à dita janela da casa do Dr. Vieira Guimarães, dado aparentemente surgirem as datas “3-10-88” e “8-10-88”. (Mendonça, 1907b)

A serem suas... que belas janelas, sr. Dr. Vieira Guimarães!

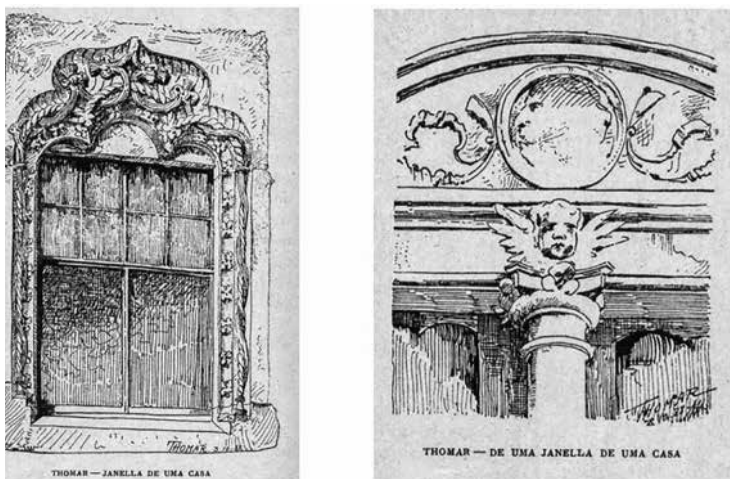


Figura 33

Ilustrações da autoria de Karl Albrecht Haupt referentes a janelas de Tomar. (Mendonça, 1907b: 438-439)

<sup>84</sup> Karl Albrecht Haupt (1858-1932), natural de Hanover, Alemanha, arquiteto, historiador de arte, filósofo. Esteve em Portugal, onde estudou a arquitetura do renascimento português, sobre o qual escreveu a obra *Die baukunst der Renaissance in Portugal* (1907). Na obra *A Igreja Manuelina do Monumento de Thomar* (1928), da autoria de Vieira Guimarães, a primeira página inicia com uma citação de *Alberto Haupt*: *O exterior do côro ainda bem conservado, é uma das maiores e mais admiráveis obras de arte, talvez a mais original que Portugal produziu neste ramo.* (Guimarães, 1928: 1)

<sup>85</sup> Vide as páginas 438 e 439, desta obra.

Sobre esta mesma casa, é publicado um outro artigo na revista *Ilustração Portuguesa*, 2ª série, N.º 806 de 30 de julho de 1921, onde surgem duas fotografias das fachadas da habitação da Quinta dos Marmelais. (Lopes, 1921: 80-82) Constatámos que estas imagens são as mesmas da fachada norte e nascente presentes no artigo de *A Construção Portuguesa*, edição N.º 360 de 1911. (Collares, 1911: 185)

Desta forma, consideramos que a revista *Ilustração Portuguesa* reaproveitou ilustrações já existentes para a conceção do artigo dedicado a esta habitação, no entanto inclui igualmente fotografias inéditas, inclusive uma com o Dr. Vieira Guimarães em destaque.

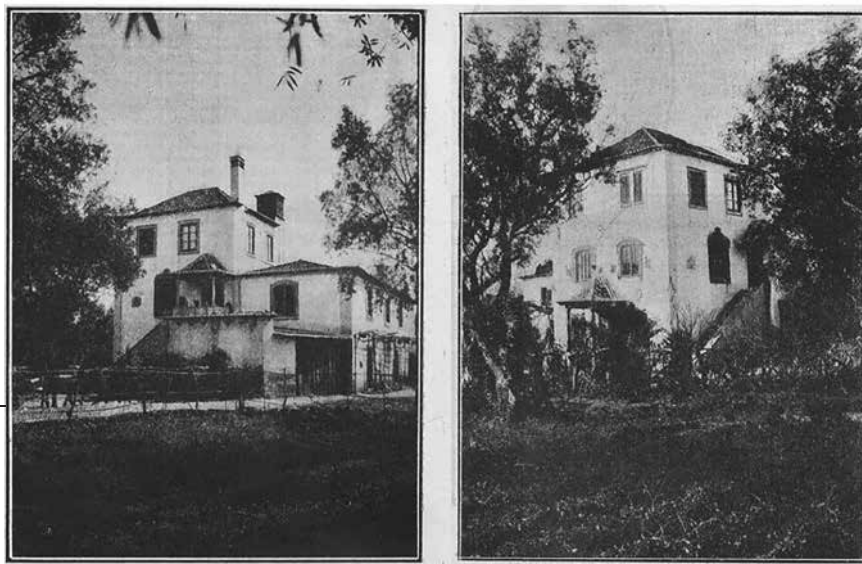


Figura 34

A casa do Dr. Vieira Guimarães em Tomar  
2. Fachada nascente e norte na revista  
*Ilustração Portuguesa*. (Lopes, 1921: 80)





**Figura 35**

*Casa de jantar na revista Ilustração Portuguesa (Lopes, 1921: 81)*



**Figura 36**

*1. As belezas da cerâmica Tomarenses e o «paneau» de S. José e 2. Talha ornamentada a ramos de oliveira com azeitonas (cerâmica tomarense); «Clichés» do capitão sr. José Brak Lamy na revista Ilustração Portuguesa. (Lopes, 1921: 82)*



Figura 37

*Dr. Vieira Guimarães na revista  
Ilustração Portuguesa.*  
(Lopes, 1921: 81)

De forma a enriquecer o conteúdo desta obra, decidimos incluir na íntegra o artigo de 1921.

### ***A casa do Dr. Vieira Guimarães***

*O prazer de morar é ainda um dos maiores prazeres da vida. Quem não mora não vive disse Ramalho e isso é uma das grandes, das capitães verdades. Morar é viver, di-lo a higiene, di-lo a literatura, di-lo a filosofia, di-lo a própria vida. A casa é a sepultura da vida ou diz-me como vives di-te-hei quem és.*

*Pois hoje a Ilustração Portuguesa publica a casa do sr. Dr. Vieira Guimarães, escritor illustre, historiador erudito, academico e professor. O sr. Dr. Vieira Guimarães é, alem de tudo isso, um artista de apurado gosto e um colecionador que fez da sua casa um museu rodeando-se de interessantes e cuirosas cousas, aquelas cousas curiosas e interessantes que fazem a vida grande e uma obra de arte.*

*A casa do sr. Dr. Vieira Guimarães é em Tomar e fica situada junto ao rio Nabão, n'uma quinta em que a opulência dos olivae rivalisa com a das magnificas arvores de deliciosa fruta. Sendo a casa de um artista é também a casa destinada ao viver de lavrador entregue a labuta dos campos, que sabe conciliar a vida material com a vida de espirito, a vida da alma com a existência do corpo.*

*De estilização portuguesa apresenta no exterior a escada com o seu elegante alpendre ao topo, cujo telhado tem por zingamocho uma esbelta esfera armilar de ferro; as janelas vão desde os simples quatro pedaços de cantaria, ás vergas recortadas e hobreiras esculpidas de D. Manoel e D. João III e ás de balanço molduradas dos seculos XVII e XVIII; os ventiladores são formados pela cruz dos templários e o rodapé por azulejos com a mesma cruz; as paredes aqui e acolá têm grandes pratos, feitos na olaria Roseira com os retratos do D. Gualdim Paes, D. Gil Martins, D. Diniz, D. Henrique (por ligados ás ordens dos Templarios de Cristo) e com as vistas de Tomar e da celeberrima fachada poente da igreja manoelina do Convento de Cristo. Tambem n'uma das paredes se vê um «panneau» com o monograma do dr. Vieira Guimarães, assente na cruz de Cristo, indicativa da sua comenda e que foi uma artística oferta da casa Roseira.*

*Quando se chega, logo na entrada principal sobre o característico telheiro se vê por grimpa o popular galo em ferro, é, sendo um museu por dentro a casa do Dr. Vieira Guimarães não é, por fôra, como se vê, menos interessante. Nas esquinas do prédio ha, na do norte um candieiro, e na do sul um relógio de sol construído segundo os calculos matematicos idos do Observatorio D. Luís; não faltando o classico presépio, cujas paredes vão sendo forradas com*

*pedaços de rochas, objectos artiticos, pedras das historicas muralhas de Ceuta e de Tanger, conchas e seixos de praias européas que o Dr. Vieira Guimarães tem trazido das suas excursões turiticas. O interior é, como dissemos, um museu, o verdadeiro museu dos espiritos de Tomar. São evidentes os traços portugueses nas mesas, cadeiras, camas e os guarda-louças de vidros de cathedral, seculos XIII e XVIII. São inumeras as ceramicas antigas que a paciencia do seu possuidor tem colleccionado, assim como muito grande é a coleção de ceramica moderna onde ha talhas originais e curiosos vasos das olarias de Tomar. Na casa de jantar um grande «panneau» mostra S. José com o Salvador nos braços, trabalho que nobilita a fabrica roseira que o executou. Sendo o Dr. Vieira Guimarães um escritor e sendo toda a sua obra um propugnar constante pelas cousas portuguesas, a sua livraria é também rica de historia e de antiguidades. Erudito e escritor, regional por amôr da sua casa que é a encarnação do amôr á sua terra, aqui está descrito onde o sabio e o professor se guarda para exumar do passado aquelas suas tão maravilhosas monografias. A casa portuguesa precisa sómente que portugueses a ponham de pe. E o exemplo do Dr. Vieira Guimarães é um dos grandes e encorajantes exemplos que honram e nobilitam o espirito do passado e o espirito portuguê.*

*A casa portuguesa é uma linda e bela cousa.*

*Ela é que devia ocupar o logar de destaque que ocupam essas casas em estilos diversos nascidos no cerebro pobre dos varios architectos. (Lopes, 1921: 80-81)*

Figura 38

*Critica presente na revista Ilustração Portuguesa. (Lopes, 1921: 82)*

**Ela é que devia ocupar o logar de destaque que ocupam essas casas em estilos diversos nascidos no cerebro pobre dos varios architectos.**



A descrição apresentada pela revista *Ilustração Portuguesa* sobre a casa de Marmelais permite, no nosso entender, refletir o gosto pessoal do Dr. Vieira Guimarães pela arquitetura portuguesa, assim como consideramos que a construção e decoração desta habitação é um reflexo das suas recordações de vida e do trabalho como historiógrafo erudito, sensível ao património nabantino e cultura portuguesa.

O artigo notabiliza o médico nabantino, descrevendo-o como um exemplo patriótico: *E o exemplo do Dr. Vieira Guimarães é um dos grandes e encorajantes exemplos que honram e nobilitam o espírito do passado e o espírito português.*

### **Uma possível casa de férias na Nazaré**

O Dr. Vieira Guimarães adorava a Nazaré. Das primeiras informações que encontramos em jornais sobre a sua existência, foi precisamente a anunciar, ainda muito novinho, a sua ida à praia da Nazaré. Desconhecemos se no seu tempo já existia o velho ditado tomarense: *na Nazaré, há tanta gente, que não se pode andar em pé...*

No entanto, a sua ligação com a Nazaré é fortalecida quando se envolve com a temática caminhos-de-ferro e a defesa de uma ligação férrea entre Tomar, Batalha e Alcobaça; com terminação na praia da Nazaré.<sup>86</sup> Nesta contenda, a visão de uma conciliação entre a história, o património e o turismo, surgem como geradores de ganhos económicos e culturais para a região. Podemos até criar um paralelismo entre o amor que sente com Tomar e aquele que sente pela Nazaré, com a intensa vontade de dinamizar o turismo em ambas as regiões, unindo-as!

---

<sup>86</sup> Vide a título de curiosidade *A trilogia monumental de Alcobaça, Batalha, Thomar e os caminhos de ferro* (1912), assim como fruto da sua persistência, a participação no *I Congresso Nacional de Turismo* em 1936: *O caminho de ferro de Tomar à Nazaret ou Alcobaça, Batalha e Tomar perante o turismo* (1936).



Hoje a Nazaré tem uma avenida denominada Vieira Guimarães, cujo nome corresponde exatamente ao nosso médico nabantino, pelo qual, segundo o contacto que fizemos com a Biblioteca da Nazaré, há um grande apreço.

Questionámos sobre esta ligação, ao que nos foi facultado (...) *sabemos que o Doutor Vieira Guimarães vinha, de facto, passar algumas temporadas aqui na sua praia de eleição – Nazaré, podemos constatar através dos jornais locais onde se fazia um anúncio da sua estadia. (...) O Dr. Vieira Guimarães, era um grande amigo da Nazaré e das suas gentes e ambicionava melhorar esta terra de pescadores e desenvolver o turismo na zona, implementando e lutando pela vinda do caminho de ferro, desde a cidade de Tomar à Nazaré.*

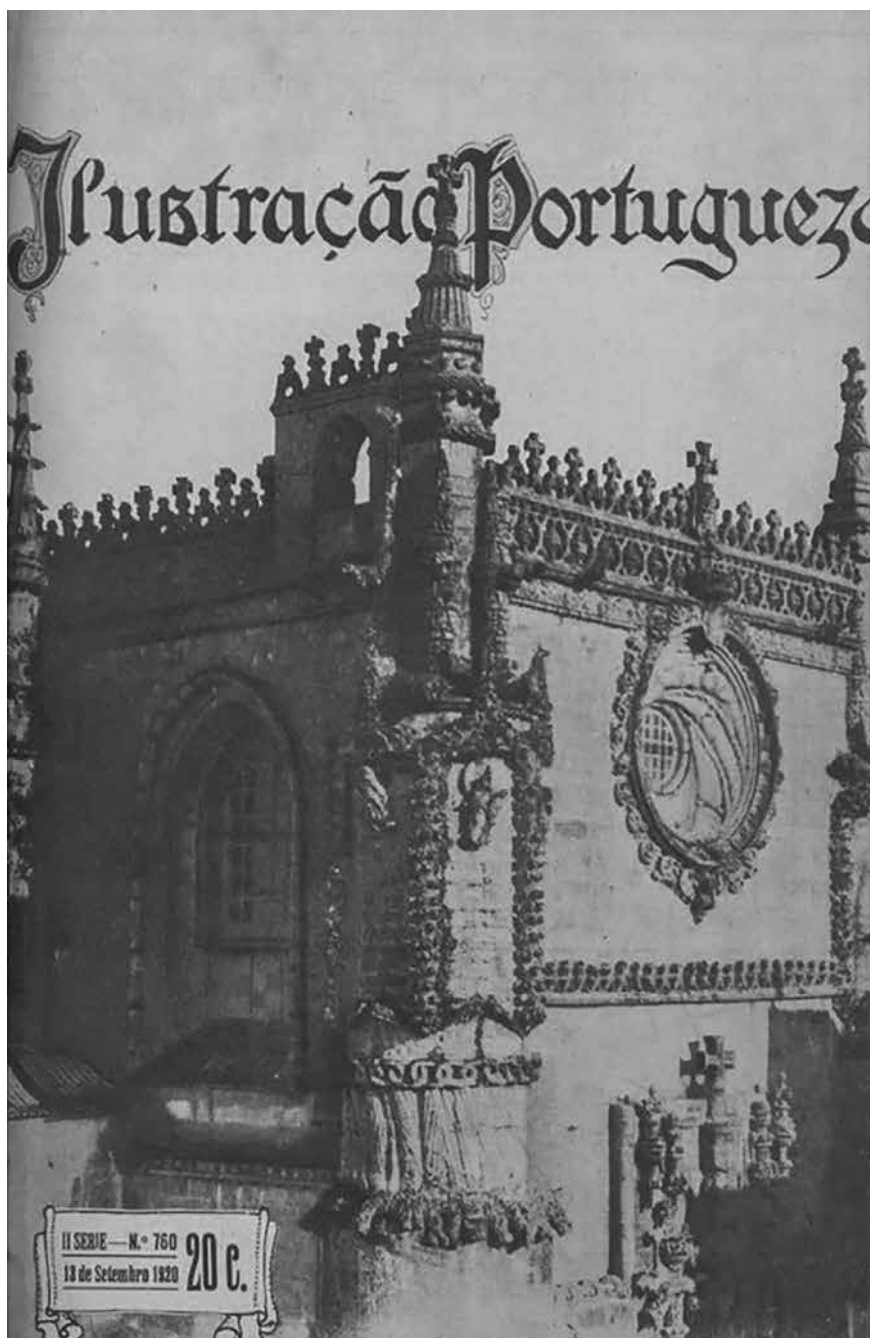
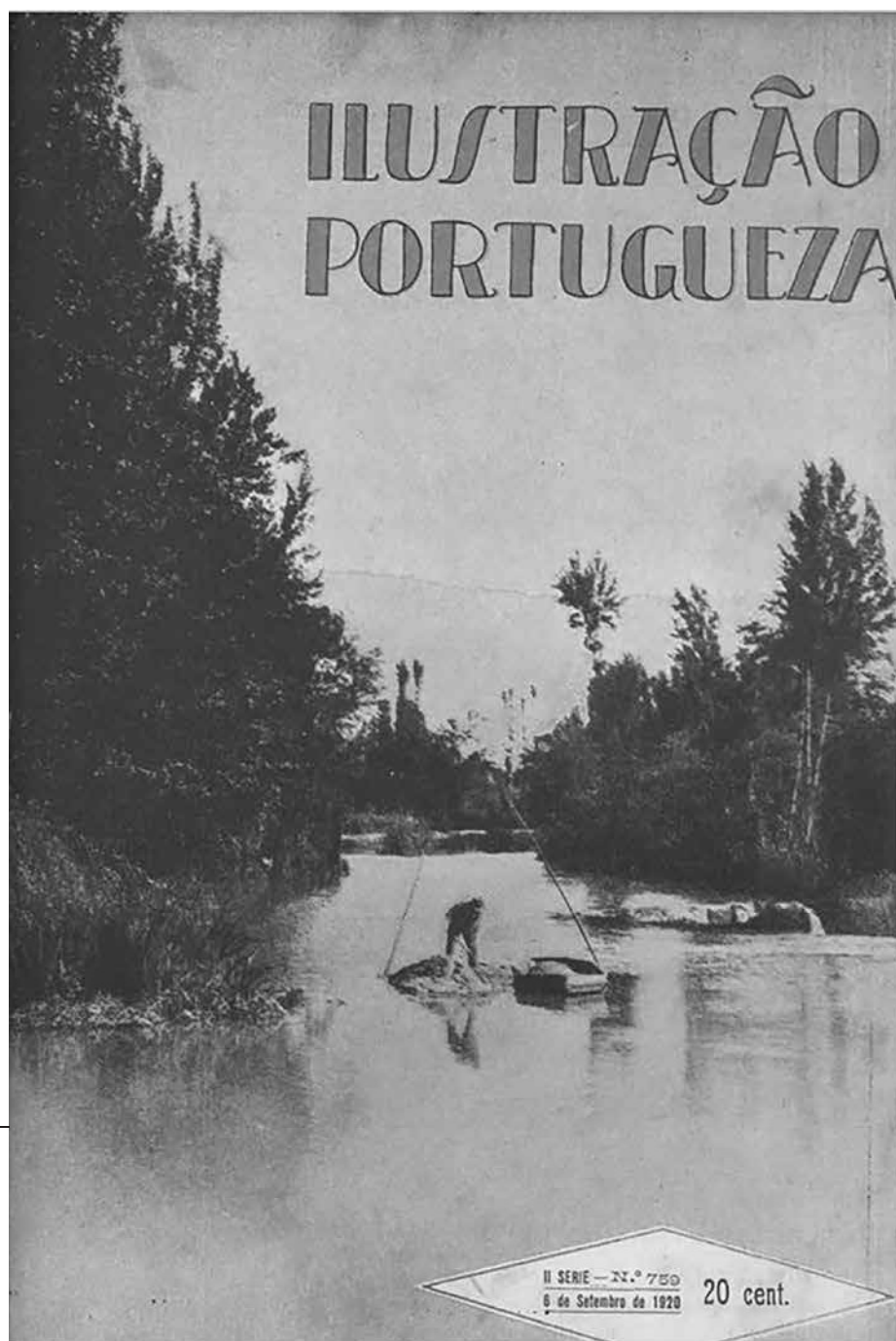


Figura 39

Capa da revista *Ilustração Portuguesa* (1920) alusiva a Tomar, publicada no ano do início da construção da Casa Vieira Guimarães.



**Figura 40**

Capa da revista *Ilustração Portuguesa* (1920) alusiva a Tomar, publicada no ano do início da construção da Casa Vieira Guimarães.

### Casa Vieira Guimarães: Hoje e Amanhã

Na construção desta comemoração escrita dedicada à emblemática Casa Vieira Guimarães, deparámo-nos com algumas barreiras por vezes difíceis de ultrapassar, mas dentro da informação que conseguimos recolher consideramos que fazemos jus à nossa pretensão.

Os centenários vivem na alma do Dr. Vieira Guimarães, ele que cresceu entre os republicanos, olhando Carlos Campeão dos Santos<sup>87</sup> de perto, ouvindo Afonso Acácio Martins Velho<sup>88</sup> e pedido conselhos a António da Silva Magalhães. O centenário de 1895 foi o culminar de muitos assuntos e as datas que coloca nas varandas da ilustre casa pedem isso mesmo, o renascer das datas e dos nomes.

Lembrámo-nos de levar ao *III Congresso Internacional de História Local* em 2019 esta nossa ideia, gostávamos que fosse muito mais em 2022...

Dando largas à partilha e divulgação deste trabalho, o mesmo encontra-se publicado em formato e-book sendo que através do nosso site<sup>89</sup> pode consultar mais conteúdo relacionado com o Dr. Vieira Guimarães.

O querer mostrar a sua casa, enquanto revela um monumento, foi o que fez com alguma vaidade o Dr. Vieira Guimarães, quando no trabalho *A Estremadura* (1929), que fez para a Exposição Ibero-Americana de Sevilha, identifica a Ermida de Nossa Senhora da Conceição, no entanto, com a Casa Conventual em destaque.<sup>90</sup> Eis nela um ponto de referência na nobre paisagem nabantina.

Dissemos na nossa introdução que *este edifício é a expressão arquitetónica da visão e vida deste médico nabantino em formato de mensagem*. Queremos agora acrescentar que esta Mensagem de pedra (1922) está para Vieira Guimarães, tal como a Mensagem (1932) escrita está para Fernando Pessoa. Ambos poemas de natureza épico-lírica.

---

<sup>87</sup> Carlos Campeão dos Santos (1857-1880), filho de Francisco António dos Santos e de Carolina da Piedade Campeão dos Santos iniciador do movimento republicano em Tomar, proprietário e redator do jornal *A Emancipação*.

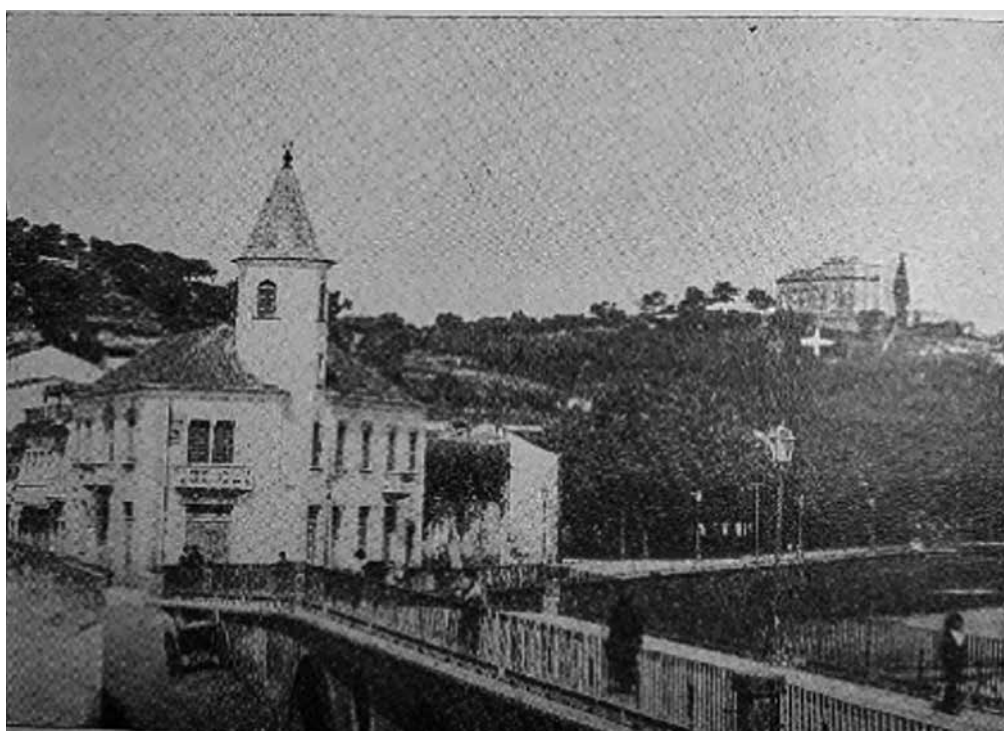
<sup>88</sup> Afonso Acácio Martins Velho (1848-1929), formado em direito pela Universidade de Coimbra, professor de desenho do Ensino Secundário Municipal de Tomar, professor de francês na Escola Industrial Jácome Ratton, presidente do Município de Tomar entre 9 de janeiro de 1888 e 2 de janeiro de 1890, republicano, foi redator do jornal *A Verdade*.

<sup>89</sup> Vide <https://vieiraguimaraes.pt/>

<sup>90</sup> Vide Figura 41.

A Casa Vieira Guimarães, pela sua centralidade, simbolismo, utilidade cultural e turística, reflete-se nas palavras de José Inácio da Costa Rosa proferidas na inauguração da sua exposição: *Tomar é um repositório de beleza sem par.*

Terminamos manifestando o apreço que o Dr. Vieira Guimarães tem pelas suas habitações, através da introdução da revista *Ilustração Portuguesa* que, conhecendo-o, soube traduzir muito bem esta ligação: *O prazer de morar é ainda um dos maiores prazeres da vida.* (Lopes, 1921: 82)



**Figura 41**

Fotografia, presente no trabalho *A Estremadura* (1929), da *Ermida de Nossa Senhora da Conceição* (no alto assinalada com uma cruz de cor branca), onde surgem igualmente a ponte e a *Casa Conventual*. Quem colocaria um edifício em destaque, para assinalar um monumento na restante paisagem? O próprio dono da habitação... Enquanto na Exposição de Sevilha passeava, a sua casa mostrava.



## POSFÁCIO

Com a leitura destas páginas sobre a Casa Vieira Guimarães, ficamos a saber muito mais sobre esta casa centenária, mas também sobre quem foi o Dr. Vieira Guimarães, uma extraordinária figura tomarense.

Percorrer esta obra é saborear o muito do que Tomar teve, e ainda tem, através da história de vida deste homem, que soube entender e sentir Tomar, e que o soube transmitir através de muitas publicações que nos deixou.

A afeição que tinha por esta terra, é demais evidente. A construção das suas duas casas junto ao rio Nabão, locais de excelência, simboliza esse seu enorme gosto e amor a Tomar.

O seu projeto de ligação ferroviária de Tomar à Nazaré, passando pela Batalha e Alcobaça, traduz aquilo que o Dr. Vieira Guimarães pensava sobre as potencialidades culturais de toda esta zona, que deveriam ser aproveitadas, sob o ponto de vista turístico e económico.

De notar a sua presença em muitas das instituições de Tomar, que procuravam o seu saber e a sua disponibilidade, para esta vivência tomarense, mas também o apoio que deu a muitos conterrâneos, em momentos de aflição.

E porque não dizê-lo, com alguma nostalgia, que ao ler estas linhas, recordei a Casa Vieira Guimarães, enquanto biblioteca, pastelaria e, mais recentemente, como sede da Comissão da Festa dos Tabuleiros, e das muitas vivências e histórias a acrescentar, aquelas que este livro nos dá a conhecer.

Oportuno e de felicitar este escrito do João Amendoeira, não só pela efeméride centenária, mas que pelo seu conhecimento nos faculte a história deste vulto importante da nossa história tomarense, que não pode nem deve ficar esquecido e, sobre o qual temos o dever de o dar a conhecer às futuras gerações.

***João Manuel de Oliveira Victal***

*Presidente da Sociedade Banda Republicana Marcial Nabantina*

## FONTES

Imagens 5, 6, 7, 17 18, 19, 20, 22 e 23: cortesia *blogue Porto da Lage* (<https://portodalage.blogspot.com/>); cujas fontes são digitais e diversas. Sendo que as partilhámos junto do Município de Tomar, para respetiva análise do Arquivo Fotográfico Silva Magalhães.

Imagens 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39 e 40: presentes na Hemeroteca Digital (<https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/>), biblioteca digital de jornais e revistas caídos em domínio público.

## BIBLIOGRAFIA

BASTOS, Thomaz Araujo de (1898, 28 de agosto). anúncio. *O Thomarense*, p. 3.

BERGER, Francisco Gentil (2019). *Arquitectos da Primeira República de M a Z*: Lisboa: Edições Especiais, Lda.

COLLARES, E. Nunes (1910, 10 de fevereiro). Entrevista com o sr. dr. Vieira Guimarães. *A Construção Moderna*, 140.

COLLARES, Mário (1911, 20 de dezembro). Casa do commendador dr. Vieira Guimarães, em Thomar. *A Construção Moderna*, 185-186.

O IMPÉRIO PORTUGUÊS NA PRIMEIRA EXPOSIÇÃO COLONIAL PORTUGUESA (1934). Álbum-catálogo oficial. [Consult. 18 de julho de 2022] Disponível em: [http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/RaridadesBibliograficas/OImperioPortugues/OImperioPortugues\\_item1/P453.html](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/RaridadesBibliograficas/OImperioPortugues/OImperioPortugues_item1/P453.html)

FRANÇA, José-Augusto (1994). *Tomar*. Lisboa: Editorial Presença.

GODINHO, Carlos (2016). *A esfera armilar de D. Manuel I: visão celestial e providência astral*. Lisboa: Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

GUIMARÃES, José Vieira (1901). *A Ordem de Christo*. Lisboa: Empreza da História de Portugal.

GUIMARÃES, José Vieira (1905). *A missão de Portugal e o Monumento de Thomar*. Lisboa.

GUIMARÃES, José Vieira (1912) – *A trilogia monumental de Alcobaça, Batalha, Thomar e o caminho de ferro*. Lisboa: Imprensa Libanio Silva.

GUIMARÃES, José Vieira (1916). *Marrocos e três mestres da Ordem de Cristo – Memória*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.

GUIMARÃES, José Vieira (1919). O sexcentenário da Ordem de Christo. Lisboa: Papa Figueirinhas.

GUIMARÃES, José Vieira (1924). A “Sellium” dos romanos é hoje representada por Thomar e a via militar de “Scalabis” a “Aeminium” passava ali. *Boletín de la Asociación Española para el Progreso de las Ciencias*. Madrid. Congresso de Salamanca, sessão de 27 de junho de 1923. Tomo VIII, pp. 61-71.

GUIMARÃES, José Vieira da Silva (1927). *Thomar Sta. Iria*. Lisboa: Livraria Coelho.

GUIMARÃES, José Vieira (1928) – *A igreja Manuelina do monumento de Thomar*. Lisboa: Edição do Autor.

GUIMARÃES, José Vieira (1929). *Thomar: noticia histórico-archeologica e artística do Monumento de Christo e das Egrejas de Santa Maria dos Olivais, de Santa Iria e de S. João*. Lisboa: Monumentos de Portugal.

GUIMARÃES, José Vieira (1929b). *A Estremadura*. Lisboa: Imprensa Nacional.

GUIMARÃES, José Vieira (1931). *O claustro de D. João III em Thomar*. Gaia: Pátria.

GUIMARÃES, José Vieira (1934). *O poema de pedra de João de Castilho em Thomar*. Lisboa: Oficinas Fernandes.

GUIMARÃES, José Vieira (1936) – *O caminho de ferro de Tomar à Nazareth ou Alcobaca, Batalha e Tomar perante o turismo*. Lisboa: Sociedade Nacional de Tipografia.

MAGALHÃES, António da Silva (1897, 1 de agosto). Dr. Vieira Guimarães. *A Verdade*, 2.

LOPES, José Maria (1921, 30 de junho). A casa do Dr. Vieira Guimarães. *Ilustração Portuguesa: edição semanal de «O Seculo»*, 80-82.

MENDONÇA, Henrique Lopes de (1907a, novembro). Thomar. *Serões*, 339-349.

MENDONÇA, Henrique Lopes de (1907b, dezembro). Thomar. *Serões*, 433-439.

MFM (2019). Vieira Guimarães. [Consult. 17 de julho de 2022] Disponível em: <https://portodalage.blogspot.com/2019/12/da-estalagem-do-com-ovos-a-primorosa.html>

MFM (2022). Vieira Guimarães. [Consult. 17 de julho de 2022] Disponível em: <https://portodalage.blogspot.com/search?q=Vieira+Guimar%C3%A3es>

MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA (2020). O Fundador. [Consult. 21 de março de 2022] Disponível em: <http://www.museunacionalarqueologia.gov.pt/?p=301>

PEIXOTO, João Amendoeira; MARTINS, Ana Cristina (2020) – Vieira Guimarães (1864-1939) e a arqueologia em Tomar: uma abordagem sobre o território e as gentes. *Arqueologia em Portugal 2020 – Estado da questão*. Lisboa: *Associação dos Arqueólogos Portugueses e CITCEM*. 1. 101-114.

PEIXOTO, João Amendoeira (2020b). *Medicina e património em Tomar: recordando o Dr. Vieira Guimarães*. Tomar: Gualdim Edições.

PEIXOTO, João Amendoeira (2019). *Vieira Guimarães e o património cultural de Tomar: primeira abordagem*. Tomar: Gualdim Edições.

PEIXOTO, João Amendoeira (2021). *A digitalização do Catálogo da exposição concelhia industrial agrícola de Thomar de 1895*. Tomar: Gualdim Edições.

PATRIMÓNIO CULTURAL (2021). [Consult. 20 de março de 2021] Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70918/>

PATRIMÓNIO CULTURAL (2019). [Consult. 17 de julho de 2022] Disponível em: [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=3359](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3359)

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA PORTUGUESA (2022). [Consult. 17 de julho de 2022] Disponível em: <https://www.presidencia.pt/presidente-da-republica/a-presidencia/antigos-presidentes/sidonio-pais/>

PIMENTEL, Alberto (1908). *A Extremadura Portuguesa: O Ribatejo*. Lisboa: Empreza da História de Portugal.

POLIPÉDIA (2022). [Consult. 17 de julho de 2022] Disponível em: <http://www.politipedia.pt/revolta-monarquica-de-monsanto/>

RIBEIRO, Ana Margarida (2012). *Vieira Guimarães: Contributo para uma Biografia*. Tomar: Heart Books.

ROSA, Amorim (1974). *Anais do Município de Tomar 1901-1925*. Tomar: Edição da Câmara Municipal de Tomar.

RTP (2015). [Consult. 17 de julho de 2022] Disponível em: <https://ensina.rtp.pt/artigo/neomanuelino-ou-o-revivalismo-portugues-do-seculo-xix/>

SALEMA, Vasco da Costa (1988). *Coisas e loisas de Tomar*. Tomar: Empresa Editora Cidade de Tomar, Lda.

SILVA, Armando Malheiro da (2006). *Sidónio e Sidonismo*. Maia: Imprensa da Universidade de Coimbra.

SOCIEDADE BANDA REPUBLICANA MARCIAL NABANTINA (1974). *Anais da Sociedade Banda Republicana Marcial Nabantina*. Tomar: Casa Bancária Mendes Godinho.

TAVARES, Daniel (1923a, 27 de setembro) – Nova Havaneza. *Ecos de Tomar*, p. 2.

TAVARES, Daniel (1923b, 9 de agosto) – Nova Havaneza. *Ecos de Tomar*, p. 1.

UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA (2022). [Consult. 17 de julho de 2022] Disponível em: <https://www.fcsh.unl.pt/faculdade/bibliotecas/tempos-de-doenca-tempos-de-cura/tempos-de-doenca/pneumonica/>

VASCONCELOS, José Leite (1914) – *Antiguidades de Tomar*. O Archeologo Português. 19: 146-151.

VENTURA, António (2004) – *António da Silva Magalhães Photographo de Thomar*. Tomar: Câmara Municipal de Tomar.





**Figura 42**  
Na subida à torre da  
Casa Vieira Guimarães.



**Figura 43**  
A espreitar a *Corredoura*.



ISBN 978-989-53761-0-0



9 789895 376100 >